

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE ARTES, CIÊNCIAS E HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GERONTOLOGIA

MARILIA FIOREZZI TABORDA VIEIRA SANCHES

Rodas de diálogo e suas contribuições à comunicação na longevidade

São Paulo

2022

MARILIA FIOREZZI TABORDA VIEIRA SANCHES

Rodas de diálogo e suas contribuições à comunicação na longevidade

Versão corrigida

Dissertação apresentada à Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Ciências pelo Programa de Pós-graduação em Gerontologia.

Área de Concentração:
Gerontologia

Orientadora:
Prof. Dra. Marisa Accioly Rodrigues da Costa
Domingues

São Paulo

2022

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca da Escola de Artes, Ciências e Humanidades,
com os dados inseridos pelo(a) autor(a)
Brenda Fontes Malheiros de Castro CRB 8-7012; Sandra Tokarevicz CRB 8-4936

Fiorezzi Taborda Vieira Sanches, Marília
Rodas de diálogo e suas contribuições à comunicação
na longevidade / Marília Fiorezzi Taborda Vieira
Sanches; orientador, Marisa Accioly Rodrigues da
Costa Domingues. -- São Paulo, 2023.
70 p: il.

Dissertacao (Mestrado em Ciencias) - Programa de
Pós-Graduação em Gerontologia, Escola de Artes,
Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo,
2023.

Versão corrigida

1. Envelhecimento.. 2. Diálogo. 3. Mediação de
conflitos. I. Domingues, Marisa Accioly Rodrigues
da Costa, orient. II. Título.

Nome: SANCHES, Marilia Fiorezzi Taborda Vieira

Título: Rodas de diálogo e suas contribuições à comunicação na longevidade

Dissertação apresentada à Escola de Artes,
Ciências e Humanidades da Universidade de
São Paulo para obtenção do Título de Mestre
em Ciências pelo Programa de Pós-graduação
em Gerontologia.

Área de Concentração:

Gerontologia

Aprovado em: ___ / ___ / _____

Banca Examinadora

Profa. Dra. Marisa S. Zazzetta Instituição: Universidade Federal de São Carlos

Profa. Dra. Deusivânia Vieira da Silva Falcão Instituição: EACH-USP

Prof. Dr. Wilson José Alves Pedro Instituição: Universidade Federal de São Carlos

AGRADECIMENTOS

Muita coisa aconteceu durante esses anos de estudos. Vivenciamos a pandemia pelo Covid-19, que imobilizou e assustou a todos e que levou muitas vidas. Diante dos meus 55 anos, jamais esperei passar por algo assim. Agora, findo estes quase três anos, comemoro ter chegado até aqui com saúde e superado os desafios surgidos ao longo do caminho.

Registro meus agradecimentos a todos que me estenderam a mão, acompanharam meus dias de medo e insegurança, me ouviram e me disseram: Vai, estamos contigo. A todos os professores que me tornaram tão rica com tantos ensinamentos, aos colegas de turma de todas as disciplinas cursadas que foram sempre presentes, solícitos e incentivadores.

Em especial agradeço à amiga Regina Garcia do Nascimento por compartilhar comigo todo o seu conhecimento ao longo do processo, por me acolher e ouvir incansavelmente. E ao Rafael Ludovico Moreira, o Mestre Rafa, por estar comigo sempre, acreditando que eu daria conta de algo tão grande e importante para mim.

À minha orientadora prof. Dra. Marisa Accioly agradeço toda a dedicação e paciência, a presença constante, indicações, sugestões, discussões, sem as quais nada disso seria possível. Grata por aceitar desde o início a temática do diálogo no campo do envelhecimento e me permitir apresentar David Bohm à gerontologia.

Meus agradecimentos se estendem às bibliotecárias Analucia dos Santos Viviani Recine da Each e Ana Paula de Moraes e Oliveira da Unicamp, sempre atentas e solícitas, profissionais incríveis, e à Léia Lourenço e Dr. Francisco Carmo da diretoria do IPGG bem como as idosas e profissionais que participaram e que me acolheram com tanto carinho nas rodas de diálogo.

E ao fim, agradeço à minha família: Meus filhos Ana e Francisco que estiveram comigo por todo o caminho amorosamente e que são a minha maior riqueza. A meu marido Mário por seu amor e companheirismo. Para minha mãe nonagenária, pelos exemplos de força, dedicação e disciplina e a meus irmãos que me acompanharam nos momentos mais importantes, fica a minha gratidão. Quem tem uma família assim, tem tudo.

A meu pai e minha irmã Marisa (em memória) fica a certeza que de onde estiverem, olham por mim e vibram com os meus sucessos. Obrigada por todo o seu amor.

”Diálogo, como estamos escolhendo usar a palavra, é uma maneira de explorar as raízes das muitas crises que a humanidade enfrenta hoje. Ele permite a investigação e a compreensão dos tipos de processos que fragmentam e interferem na comunicação real entre indivíduos, nações e até diferentes partes da mesma organização. ”

(BOHM, FACTOR, GARRETT, 1991)

RESUMO

SANCHES, Marília Fiorezzi Tabora Vieira. **Rodas de diálogo e suas contribuições à comunicação na longevidade**. 2022. 70p. Dissertação (Mestrado em Ciências) - Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022. Versão corrigida.

A população está envelhecendo de modo acelerado sobretudo nos países em desenvolvimento, caso do Brasil. Em face da longevidade, o maior tempo de convivência entre gerações, a maior participação da pessoa idosa na sociedade e o surgimento de necessidades específicas, como por exemplo cuidados de longa duração, podem trazer dificuldades de comunicação aos relacionamentos. Torna-se fundamental dialogar verdadeiramente de modo que as expectativas de todos os envolvidos possam ser ouvidas e acolhidas. David Bohm propõe uma metodologia para o diálogo que pode ser utilizada em vários contextos e que nesse trabalho, foi aplicada para melhor compreensão da comunicação na longevidade. Objetivo geral: Desenvolver Rodas de Diálogo com pessoas idosas, familiares e profissionais que frequentam um serviço especializado em Geriatria e Gerontologia. Objetivos secundários: 1) Analisar a dinâmica grupal para a escuta atenta e mais qualificada na longevidade; 2) Propor aos serviços que atendem à população idosa o método Diálogo de Bohm como instrumento de trabalho com grupos. Método: Estudo exploratório, qualitativo, desenvolvido em 05 encontros designados Rodas de Diálogo e conforme a metodologia de Bohm, entre pessoas idosas, familiares e profissionais que frequentam o Instituto Paulista de Geriatria e Gerontologia (IPGG), Centro de Referência do Idoso da zona leste de São Paulo. Resultados: Participaram do estudo 16 pessoas de faixas etárias diversas. As falas gravadas foram transcritas e analisadas por meio do Discurso do Sujeito Coletivo após identificação das expressões-chave selecionadas pela pesquisadora e presentes nos discursos individuais, originando um único discurso para cada encontro, onde se identificaram semelhanças aos pressupostos de Bohm. Conclusão: O método Diálogo de Bohm aplicado nas rodas de diálogo no IPGG apontou nos discursos coletados o quanto o diálogo é necessário como exercício ao autoconhecimento e no aprimoramento à escuta qualificada e empática. O diálogo praticado em grupo intergeracional mostrou-se útil para trabalhar questões muito presentes na longevidade, tais como o preconceito e os estereótipos relacionados à velhice, as relações de cuidado e as relações familiares, bem como para amplificar a voz e a visibilidade da pessoa idosa, dando-lhe espaço para colocar seus pedidos e necessidades. Assim, instituir o Diálogo de Bohm nos serviços que atendem à população idosa como instrumento pode tornar-se um potente caminho para fortalecer e desenvolver a comunicação.

Palavras-chave: Envelhecimento. Diálogo. Mediação de conflitos.

ABSTRACT

SANCHES, Marilia Fiorezzi Taborda Vieira. **Dialogue rounds and their contributions to communication in longevity**. 2022. 70p. Dissertation (master's in sciences) - School of Arts, Sciences and Humanities, University of São Paulo, São Paulo, 2022. Corrected version.

The population is aging at an accelerated rate, especially in developing countries, such as Brazil. In view of longevity, the longer time of coexistence between generations, the greater participation of the elderly in society and the emergence of specific needs, such as long-term care, can bring communication difficulties to relationships. It is essential to truly dialogue so that the expectations of all those involved can be heard and accepted. David Bohm proposes a methodology for dialogue that can be used in several contexts and that in this work was applied for a better understanding of communication in longevity. General objective: To develop dialogue circles with elderly people, family members and professionals who attend a specialized service in Geriatrics and Gerontology. Secondary objectives: 1) Analyze the group dynamics for attentive and more qualified listening in longevity; 2) Insert the Bohm dialogue method in services for elderly population as an instrument of working with groups. Method: exploratory, qualitative study, developed in 05 meetings called dialog circles and according to Bohm's methodology, among elderly people, family members and professionals who attend the Instituto Paulista de Geriatria e Gerontologia (IPGG), reference center for the elderly in the east zone of Sao Paulo city. Results: 16 people of different age groups participated in the study. The recorded speeches were transcribed and analyzed using the collective subject discourse after identifying the key expressions selected by the researcher and present in the individual speeches, resulting in a single speech for each meeting, where similarities to Bohm's assumptions were identified. Conclusion: Bohm's method of dialogue applied in the dialogue circles at the IPGG pointed out in the collected speeches how much dialogue is necessary as an exercise in self-knowledge and in improving qualified and empathetic listening. The dialogue practiced in an intergenerational group proved to be useful to work on issues that are very present in longevity, such as prejudice and stereotypes related to old age, care relationships and family relationships, as well as to amplify the voice and visibility of the elderly person, giving them space to place their requests and needs. Thus, establishing the Bohm's dialogue in services for elderly population as an instrument, can become a way to strengthen and develop communication.

Keywords: Aging. Dialogue. Conflict mediation.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AVD	Atividade de vida diária
BID	Banco interamericano de desenvolvimento
CNV	Comunicação não-violenta
DSC	Discurso do sujeito coletivo
EACH	Escola de artes, ciências e humanidades
IBGE	Instituto brasileiro de geografia e estatística
ICOPE	Programa de atenção integrada para a pessoa idosa
ILC BRAZIL	Centro internacional de longevidade brasil
ILPI	Instituição de longa permanência para idosos
IPEA	Instituto de pesquisa econômica aplicada
IPGG	Instituto paulista de geriatria e gerontologia
OMS	Organização Mundial de Saúde
OPAS	Organização pan-americana de saúde
PNAD	Pesquisa nacional de amostra por domicílios
PNI	Política Nacional do Idoso
TCLE	Termo de consentimento livre e esclarecido
USP	Universidade de São Paulo

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1. Faixa etária dos participantes da pesquisa	33
Gráfico 2. Distribuição dos participantes por sexo	33
Gráfico 3. Condições de moradia	34
Gráfico 4. Estado Civil	34
Gráfico 5. Número de filhos	34
Gráfico 6. Grau de escolaridade	35
Gráfico 7. Condições de trabalho	35
Gráfico 8. Renda em salário mínimo	35

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Percentual de todos os encontros e depoentes	38
Quadro 2. DSC do primeiro encontro	38
Quadro 3. DSC do segundo encontro	41
Quadro 4. DSC do terceiro encontro	45
Quadro 5. DSC do quarto encontro	46
Quadro 6 . DSC do quinto encontro	48

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO	12
2 INTRODUÇÃO	16
2.1 RODAS DE DIÁLOGO E SUAS CONTRIBUIÇÕES À COMUNICAÇÃO NA LONGEVIDADE: CONTEXTUALIZAÇÃO DO ENVELHECIMENTO NO BRASIL E NO MUNDO	16
2.2 MARCO TEÓRICO: O LEGADO DE DAVID BOHM	22
3 JUSTIFICATIVA	28
4 OBJETIVO GERAL	29
4.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	29
5 MÉTODO	30
5.1 DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO	30
5.2 INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS	31
5.3 ASPECTOS ÉTICOS E LEGAIS DA PESQUISA	32
6 RESULTADOS	33
6.1 PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO DOS PARTICIPANTES	33
6.2 RODA DE DIÁLOGO – DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO	36
6.2.1 PRÉ-TESTE	36
6.2.2 ENCONTROS DCS	37
7 DISCUSSÃO	50
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	57
APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO	62
APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	64
ANEXO A - APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA E PESQUISA	67
ANEXO B – COMPROVANTE DE SUBMISSÃO DO ARTIGO	70

1 APRESENTAÇÃO

Em 1986 graduei-me Terapeuta Ocupacional absolutamente convicta de que ter uma atuação centrada no cliente e em sua potência de vida, era de fato um caminho para atender sobretudo ao excluídos e invisíveis, como as pessoas com deficiência ou com doenças mentais, idosos, encarcerados. Estudar a fundamentação teórica do fazer humano e conhecer mais sobre práxis, força motriz de todo indivíduo, foram fundamentais na construção de minha trajetória pessoal e profissional. Compreender como fortalecer a capacidade remanescente de uma pessoa faria ainda mais sentido quando atendi a pessoas idosas com demência.

O Terapeuta Ocupacional recebe sua formação totalmente pautada nas potencialidades de um indivíduo, sendo instrumentalizado para, por meio de um olhar integrador, ser capaz de ofertar atividades como recurso para prevenir a perda de capacidades, ou manter, reabilitar, compensar e adaptar o ambiente, objetos e utensílios que facilitem o desenvolvimento das atividades de vida diária e fortaleçam a autonomia e independência da pessoa. Até hoje a profissão é pouco conhecida fora do contexto da saúde e embora seja de aplicação fundamental na gerontologia, nem sempre esse profissional está presente nas equipes.

A Gerontologia sempre me encantou. Minha experiência com esse público se deu pela primeira vez quando, tendo passado os dois últimos anos de graduação em TO por estágios em várias áreas, fui acompanhar a rotina de idosos do “Lar dos Velhinhos de Campinas”. Nessa época já notava questões relacionadas ao envelhecimento que ainda seguem atuais, tais como: invisibilidade, solidão, necessidade de cuidados prolongados, preconceito etário, além de situações em que a dignidade humana ficava à margem, em detrimento da rotina exaustiva de cuidados dos profissionais da casa. Observar essas questões me trouxe à luz todo um panorama que enveredou pela minha vida profissional.

Observo semelhanças entre a terapia ocupacional e a gerontologia: o olhar individualizado, o atendimento centrado na pessoa idosa e sua potencialidade, sempre com o objetivo de melhorar ou manter sua funcionalidade e autonomia pelo maior tempo possível, independente dos níveis de declínio funcional e ou cognitivo que a pessoa idosa apresente, levando em conta o curso da vida com suas perdas e ganhos. E não raro, se observa uma prática reducionista, onde a imagem da pessoa idosa é associada muito mais às perdas, cerceando sua autonomia e reduzindo-lhe a independência.

Certa de que o caminho a seguir era aprofundar os estudos em envelhecimento, ingressei no curso de extensão em gerontologia do Hospital do Servidor Público Municipal nos anos 2000, sob a batuta do professor Dr. Matheus Papaléo Netto. Concomitante a este, os

estudos seguiram com cursos de reabilitação cognitiva e alguns atendimentos domiciliares. Um universo se descortinava: o envelhecimento como um processo inevitável, multifatorial, dinâmico e heterogêneo e ao mesmo tempo, tão individualizado, transcendendo para as questões da família, do ambiente e do cuidado.

Em 2009 o curso de formação para Formadores de Cuidadores de Idosos na Escola de Enfermagem da USP, proporcionou muito conhecimento das questões do cuidado e da urgente necessidade de capacitar com qualidade cuidadores remunerados para atender à demanda em decorrência de mudanças na estrutura familiar e do substancial crescimento da população idosa, levando-me a ministrar curso próprio para cuidadores, um caminho difícil até hoje, que recebe pouco apoio entre outros fatores, pelo fato do cuidador não ser um profissional regulamentado.

Com o curso para cuidadores de idosos, veio a experimentação da docência e a percepção da importância de capacitar e instrumentalizar profissionais das áreas da saúde e assistência para bem atender aos idosos, bem como atuar no fortalecimento da nova cultura gerontológica, que prioriza o curso de vida e a história dos indivíduos rumo ao envelhecimento.

Construindo uma trajetória na gerontologia, em 2011 fui convidada para ser gestora técnica no projeto Bairro Amigo do Idoso da Subprefeitura Mooca, São Paulo, onde se conduzia em parceria com a EACH -USP, a implementação de iniciativas mais amigáveis aos idosos à luz do Programa Cidade Amiga do Idoso, da Organização Mundial de Saúde (OMS). A condução dos grupos focais, parte do Protocolo de Vancouver ficou à cargo de professoras da universidade. Desenvolvi um curso sobre comunicação com a pessoa idosa ao detectar junto aos funcionários da Subprefeitura barreiras na comunicação com essa população, com aproximadamente 200 servidores capacitados.

Neste período (2011-2013) cursei uma pós-graduação em geriatria e gerontologia e duas especializações, uma pela Organização Pan Americana de Saúde (OPAS) e outra pela Fiocruz, sempre com foco no envelhecimento. Sequencialmente, um curso pela Universidade de Granada possibilitou a aproximação com o tema das relações intergeracionais e a ampliação da visão da multidimensionalidade do envelhecimento.

Seguiram-se atuações em grupos de trabalho voltados ao desenvolvimento de políticas públicas, como a fundação da Acirmesp – Associação dos Cuidadores de Idosos da Região Metropolitana de São Paulo (2012) e elaboração de ações voltadas à regulamentação da profissão de cuidador de idosos, participações em comissões científicas para o desenvolvimento de eventos voltados à população idosa, como o Congresso do Envelhecimento Ativo: Cidade Amiga do Idoso da Câmara Municipal de São Paulo, e da

Virada da Maturidade, com edições bianuais até a atualidade. Minha trajetória na Gerontologia só se fortalecia a cada atividade desenvolvida.

Em 2015, abri uma unidade privada de centro-dia na zona sul de São Paulo, em que permaneci como sócia e gestora técnica até 2017, tendo idealizado, acompanhado e implementado todo o modelo de atendimento do serviço, composto em sua maioria de senhoras idosas com demência, onde observei a dinâmica familiar dos clientes e pude mediar conflitos relacionados ao cuidado.

Neste período já era forte o desejo de ingressar no mestrado acadêmico a fim de obter a formação para a docência, atividade exercida desde então como professora convidada em vários cursos, tanto para cuidadores formais de idosos, quanto em extensão e especialização em gerontologia, para falar da experiência sobre o CDI, abordar o tema de políticas públicas e envelhecimento e também dar aulas sobre cuidados e cuidadores.

Paralelo a esta trajetória, participei de duas oficinas experimentais de diálogo na Umapaz - Um departamento da Secretaria Municipal do Verde e Meio Ambiente de São Paulo localizada dentro do Parque Ibirapuera, em 2017 e 2018, onde conheci o diálogo na ótica do físico quântico e pensador Estadunidense Bohm, cuja metodologia proposta é objeto desta pesquisa. Estas me motivaram a elevar as reflexões sobre comunicação e envelhecimento na perspectiva da pessoa idosa, de familiares e profissionais de serviços.

De modo complementar ao pensamento de Bohm, o curso Mediação de Conflitos para Familiares com Idosos em Situação de Risco, também na Umapaz em 2019 me apresentou a pensadores como Marshall Rosenberg e Humberto Maturana, com aprendizado mais aprofundado sobre a Comunicação-Não-Violenta (CNV) e comunicação compassiva, e a importância destas para o fortalecimento de vínculos e melhora nas relações.

O Diálogo é um meio para formar e manter redes de suporte social. Por ele, é possível alcançar distintos pontos de vista, perceber pontos fortes e fracos nas relações e estabelecer conexões relacionais mais potentes. O Diálogo permite comunhão, onde a beleza da diversidade não ofusca ou impede a ação do outro, mas sim, mantém o caminho para a escuta e a acolhida, como refere Rubens Alves, "... para assim nos tornarmos seres humanos melhores" (ALVES, 1999). Em razão dessa trajetória, nasceu o interesse nesse tema.

Esse trabalho é composto de duas partes ambas de igual importância pois, são complementares. A primeira é referente ao artigo Rodas de diálogo e suas contribuições à comunicação na longevidade: Revisão de literatura, enviado à revista Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento da UFRGS, de levantamento de literatura existente

sobre o tema diálogo e envelhecimento, cujo comprovante de submissão encontra-se em anexo B.

A segunda parte, descreve a pesquisa de campo desenvolvida presencialmente entre agosto e setembro de 2021 no Instituto Paulista de Geriatria e Gerontologia – IPGG, em São Paulo, capital, e que constou de 5 encontros para experimentação de rodas de diálogo utilizando-se do método proposto por David Bohm, reunindo pessoas idosas, familiares acompanhantes, cuidadores e profissionais do serviço especializado no atendimento gerontológico.

A pandemia da Covid-19 (Coronavirus disease 2019) foi mencionada nesse trabalho por suas implicações na comunicação, saúde física e mental e seus impactos na convivência, ou no isolamento sobretudo para a pessoa idosa, com recomendação de atenção à este grupo, revelando grandes desafios para a saúde pública e para as famílias, cujos efeitos começam a emergir agora em publicações.

Ademais todo o curso do mestrado desenvolveu-se durante a pandemia e os temas da pesquisa – diálogo e envelhecimento, foram noticiados de várias formas: o risco do afastamento transformar-se em isolamento, a violência contra a pessoa idosa, fosse pelo estresse do convívio e dificuldades no cuidar ou a violência institucional, os estereótipos e o preconceito relacionados à velhice, além de ruídos na comunicação.

Destarte os desafios que já despontam, há que se pensar em estratégias e lançar mão de meios para tornar a comunicação mais acolhedora e assertiva, para que as necessidades das pessoas possam ser verdadeiramente colocadas na mesa. O diálogo é um meio potente para construir relações baseadas na escuta atenta e na percepção dos próprios pensamentos que vêm à tona tão instataneamente que muitas vezes, levam à tensão e conflito nos relacionamentos.

Por fim, o objetivo da pesquisa, aplicar rodas de diálogo seguindo os passos propostos por David Bohm, teve o intuito de despertar os participantes para a importância de uma prática dialógica que reconheça a diversidade existente no mundo, a fim de transformar a consciência do ser humano para cooperar, colaborar e reconhecer a diversidade como um espaço de convivência rico em experiências e conhecimento.

2 INTRODUÇÃO

2.1 RODAS DE DIÁLOGO E SUAS CONTRIBUIÇÕES À COMUNICAÇÃO NA LONGEVIDADE: CONTEXTUALIZAÇÃO DO ENVELHECIMENTO NO BRASIL E NO MUNDO

A longevidade é um fenômeno que se observa em quase todos os países. De acordo com dados da Organização das Nações Unidas (ONU, 2020) a população com 60 anos e mais irá duplicar até 2050 e mais do que triplicar até 2100, somando mais de 962 milhões de idosos em 2017, atingindo patamares de 2,1 bilhões em 2050 e 3,1 bilhões em 2100. Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) por meio de publicação da PNAD Contínua, mostraram que no Brasil a população idosa passou de 30,2 milhões em 2017 (IBGE, 2018).

O prolongamento da vida tem ocorrido em parte pela melhora das condições de saúde, pelos avanços da medicina e da tecnologia que trouxeram diagnósticos mais precisos e exames de caráter preventivo, diminuição nas taxas de mortalidade infantil entre menores de um ano de idade (IBGE, 2019), diminuição paulatina nas taxas de fecundidade e também aponta para o crescente aumento da população idosa, que no Brasil é considerada a partir dos 60 anos e mais (QUARESMA; RIBEIRINHO, 2016) conforme determinam os marcos legais Estatuto do Idoso (2003) e Política Nacional do Idoso (2006).

Neste contexto mundial de avanço do envelhecimento, observa-se que as mulheres são maioria entre a população idosa e o fenômeno chamado de feminização da velhice se destaca nos países em desenvolvimento, sobretudo nas idades mais avançadas (DA SILVA SOUSA et al., 2018). No Brasil, as mulheres representavam em 2017, 56% da população idosa, enquanto os homens 44% (IBGE, 2018). Embora vivendo mais e ainda consideradas as principais responsáveis pelo cuidado da família, observa-se menor disponibilidade da mulher para cuidar, principalmente pela inserção maciça no mercado de trabalho.

Nesse contexto o documento sobre o envelhecimento na América Latina do Banco interamericano de desenvolvimento (ARANCO et. al, 2022), traz a informação sobre a aceleração do envelhecimento na região. Enquanto a França levou 67 anos para que as pessoas com mais de 65 anos subissem de 10% para 20% da população, na América Latina e Caribe o mesmo deve ocorrer em 32 anos, o que denota esse envelhecimento mais rápido, sendo que no Chile essa mudança ocorrerá em apenas 22 anos, mostram as projeções, embora se deva considerar que nessa região os países contam com menos recursos.

Outro dado relevante que traz o documento diz respeito à capacidade funcional das pessoas idosas nos países da América Latina onde, aponta o texto, 14,4% das pessoas de 65

anos e mais dependem de auxílio de terceiros para realização de pelo menos uma atividade básica de vida diária, (AVD) e que representa algo como 8 milhões de pessoas idosas necessitando de cuidados de longa duração. Ademais, a dependência aumenta com a idade e as mulheres são mais propensas a serem dependentes de cuidados (ARANCO et.al, 2022).

Por conseguinte, o Relatório Mundial de Envelhecimento e Saúde da Organização Mundial de Saúde (OMS, 2015) aponta a necessidade de reconhecer o envelhecimento como um processo multifatorial e heterogêneo que se desenvolve apoiado em características individuais e, portanto, há que se otimizar a capacidade funcional para assegurar um envelhecer mais saudável, como segue:

O relatório explora como isso pode ser alcançado em cinco domínios fortemente interconectados de capacidade funcional, essenciais para permitir que os adultos maiores realizem as tarefas que valorizam. Estas são as habilidades para: Atender às suas necessidades básicas; Aprender, Crescer e Tomar decisões; Movimentar-se Construir e manter relacionamentos; e contribuir (OMS, 2015, p. 20).

Acompanhando as projeções dos países da América Latina, no Brasil a faixa etária que mais cresce é a de idosos com 80 anos e mais (IBGE, 2016). Tal fenômeno é observado sobretudo em países de baixa e média renda, elevando as preocupações com as questões do cuidado e atenção dirigidos à pessoa idosa. Embora este grupo idoso ainda represente a minoria, há estimativas de crescimento de dez vezes o número de centenários, um aumento de 300.000 em 2011 para aproximadamente 3,2 milhões até 2050 (ILC-BRASIL, 2015).

Idosos muito idosos são mais susceptíveis à fragilidade, síndrome evitável caracterizada por perda de velocidade de marcha, perda de peso involuntária, diminuição das atividades, auto relato de fadiga e diminuição na força de preensão, de acordo com os critérios desenvolvidos por Fried (DUARTE *et al.*, 2018). A importância da manutenção da capacidade funcional citada acima no Relatório de Envelhecimento e Saúde da OMS (OMS, 2015), trata de correlação direta entre a senescência, a senilidade e a manutenção da autonomia e independência da pessoa idosa.

A capacidade funcional chega em nível ótimo na vida adulta (ILC, 2015) e paulatinamente vai declinando conforme se envelhece. As funções fisiológicas sofrem mudanças, levando à diminuição da visão e audição, mudanças no equilíbrio e na marcha, mudanças nas funções cognitivas, entre outras. Na presença de um envelhecimento senescente, ou seja, normal, o declínio pode ocorrer lentamente, de modo a não afetar completamente a autonomia e independência da pessoa idosa (ILC, 2015). Entretanto, o declínio funcional pode acelerar na presença de patologias, caracterizando o envelhecimento senil, levando à

dependência e necessidade de cuidados, onde as doenças interagem e potencializam os efeitos do envelhecimento normal ou senescente (FREITAS *et al.*, 2017).

Todos estes motivos são capazes de influenciar na qualidade de vida e nas relações sociofamiliares, causando danos irreversíveis. Podemos citar aqui a Incapacidade de comunicação e a Insuficiência familiar, consideradas Grandes Síndromes e relevantes ao aspecto da comunicação no envelhecimento, alvo deste trabalho. A dificuldade em estabelecer comunicação com pessoas e com o meio ambiente leva a situações de isolamento social da pessoa idosa e acentua o quadro de patologias (PAPALÉO NETTO, 2017).

Essas informações são importantes a fim de articular para além da saúde, políticas públicas e diretrizes com linha de cuidados voltados à população idosa, observando a tendência de maior demanda e, portanto, necessidade de maior atenção (BRASIL, 2013). Soma-se a este cenário o fato de que o Estatuto do Idoso, de 2003, ainda coloca a família como principal responsável pela pessoa idosa, conforme segue nas Disposições Preliminares, artigo 3º:

Art.3.º: “É obrigação da família, da comunidade, da sociedade e do Poder Público assegurar ao idoso, com absoluta prioridade, a efetivação do direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária. (BRASIL, 2013).

Ora, se os dados demográficos já evidenciam a queda das taxas de fecundidade (VOLLSET *et al.*, 2020), anunciando mudanças na configuração familiar, saltando de famílias numerosas e com muitos filhos, para constituições familiares com pouco ou nenhum filho, não pode o Estatuto imputar à família em primeiro lugar a obrigatoriedade do cuidar. O Estado deve assegurar cuidados à população idosa, seja na atenção primária, seja em condições de dependência, além da assistência ao familiar cuidador.

Ademais, Camarano (2020), chama a atenção para os novos arranjos familiares, com casais sem filhos, idosos que vivem sozinhos, como chefes de família. Tendo em vista uma necessidade de cuidado em caráter temporário ou permanente, as famílias tornam-se importante recurso, sobretudo na convivência, onde se estabelece uma troca intergeracional que beneficia aos mais jovens e aos mais velhos.

Se a família ocupa um lugar estratégico em relação ao envelhecimento e oferta de atenção e cuidado à pessoa idosa, é cabível avaliar a qualidade das relações nos núcleos familiares, se há convívio entre gerações e como o status das relações é capaz de afetar a cadeia de cuidado. Nesse sentido, a sobrecarga e fadiga são fatores que podem favorecer ruídos de comunicação e criar barreiras ao diálogo entre familiares e idosos, ocasionando inclusive conflitos, principalmente no que tange à complexidade do envelhecimento.

Sales (2016), aponta o gerenciamento das emoções como um dos fatores primordiais para compreender e auxiliar envolvidos num conflito. Se emoções positivas fortalecem a comunicação e podem embasar a cooperação entre os implicados para se chegar a uma solução, por outro lado emoções negativas acirram o conflito, dificultando um desfecho. A autora traz ainda uma concepção importante de conflito, como algo da natureza humana e que propicia o exercício não somente de cooperação, mas também de consenso e empatia, onde todos ganham ao colaborar para uma decisão.

Em momentos de tensão nem sempre é possível que a família se organize o suficiente para resolver uma situação geradora de conflito. Nesse contexto, o papel do mediador de conflitos tem sido cada vez mais comum na contemporaneidade, uma vez que o conflito pode ser visto como uma oportunidade de rever paradigmas e proporcionar crescimento pessoal o que por sua vez, traz benefícios à comunicação (MARTINS, 2017).

Diversos são os fatores que podem influenciar a comunicação no envelhecimento. Dentre estes, a pandemia de COVID-19 (Coronavirus Disease 2019) tem sido objeto de múltiplos estudos no campo da gerontologia, evidenciando questões e trazendo à tona discussões acerca da saúde mental da população em geral, sobretudo no que concerne ao “isolamento” ou “distanciamento social” imposto durante a pandemia.

Estudos já tem apontado aumento nos índices de depressão e outros transtornos mentais, tais como estresse pós-traumático e crises de ansiedade associados a eventos de grandes proporções, por exemplo, como o verificado após o ocorrido no 11 de setembro nos Estados Unidos em 2001 (ETTMAN *et al.*, 2020). Todavia, as menções à saúde mental durante e no pós pandemia também revelam o quanto ações de orientação, oferta de tratamentos e acompanhamento ainda são incipientes.

Artigo publicado em abril de 2020 (GALEA *et al.*, 2020) versa sobre os efeitos do distanciamento social durante a pandemia e a necessidade de prevenção e intervenção precoce. Ao analisar eventos passados relacionados a desastres naturais ou epidemias como a da SARS, os autores constataram que há significativo aumento das doenças mentais associadas ao sofrimento psicológico entre a população afetada. Daí advém a grande preocupação com a saúde mental agora e para os próximos meses.

Tendo em conta que a população idosa foi alvo de maior atenção das recomendações sobre a Covid-19 da Organização Mundial de Saúde (OMS) adotadas em praticamente todos os países incluindo o isolamento social total para estes, afastando-os inclusive do convívio com filhos e netos e, considerando ainda que serviços que atendem a este público, tais como centros de convivência e centros-dia fecharam suas portas, os idosos passaram a sofrer as

consequências do isolamento. As instituições de longa permanência (ILPI) também fecharam suas portas para familiares, voluntários e oficinairos, ofertando contato somente por telefone ou chamadas de vídeo (GIACOMIN, 2020; RODRIGUES, 2020).

O idadismo ou etarismo, preconceito relacionado à idade ficou nítido, com toda sorte de “memes” e piadas circulando pelas redes sociais, tratando a pessoa idosa de forma indigna e desrespeitosa quando “flagrada” em locais públicos, desconsiderando suas necessidades e prioridades, como por exemplo, de comprar medicamentos ou alimentos na ausência de outra pessoa para fazê-lo. Ademais, outras questões como o cancelamento de eventos de comemoração e confraternização, como por exemplo boda ou festa na escola de um neto, suprimiram dos idosos momentos valiosos de integração social (PAULA; BARBALACCO, 2020; KLEIN, 2020).

Junta-se a isso, o luto pela perda de familiares e amigos durante a pandemia, não necessariamente em decorrência da COVID-19, mas também por outras causas, luto diga-se, vivido de modo atípico dada a proibição de visitas ou acompanhamento aos hospitais e de velórios, com sepultamento ágil na presença de um ou outro familiar, conforme alerta publicação do Instituto Oswaldo Cruz (FIOCRUZ):

É fundamental que se implementem ações que amparem e facilitem familiares e amigos de vítimas do COVID-19, considerando cenários como: falecimento em residência, falecimento em hospitais sem a devida despedida dos mais próximos, falecimento solitário com pouca rede social de apoio, falecimento súbito de pacientes suspeitos de infecção, funerais nos quais não são possíveis o contato do enlutado com o falecido, dentre outros que podem gerar diversas repercussões de ordem psicossocial (FIOCRUZ, 2020, p.5).

Outro fator a ser observado é o que artigo de Horton (2020), publicado na revista especializada *The Lancet*, aborda como sindemia: a interação do vírus SARS-CoV-2, ou coronavírus-2, ou seja, uma doença infecciosa, com as doenças chamadas não-transmissíveis, em grupos populacionais específicos e capaz de exacerbar os efeitos adversos de cada doença.

O artigo alerta ainda para questões socioeconômicas e a desigualdade como agravantes nestes casos (HORTON, 2020). Sobretudo ao que concerne à população idosa, há que se considerar a heterogeneidade no processo de envelhecimento e como a sindemia pode então, manifestar-se numa gama de efeitos deletérios à saúde, potencializados pelas iniquidades.

Tal questão é levantada neste trabalho pois a dificuldade em compreender a sinergia e seus efeitos entre o vírus e as doenças crônicas bem como a dificuldade para resolvê-la pode levar à barreira na comunicação para o cuidado e, portanto, acentuar ainda mais os problemas já verificados. Considerando o envelhecimento como multifatorial, a possibilidade da sindemia (HORTON, 2020) ocorrer na presença de declínio funcional e prejuízo das funções cognitivas,

gera a urgência em envolver familiares e cuidadores no entendimento dessa interação vírus-doenças crônicas para o cuidado e acompanhamento pós-alta, por exemplo.

Levando em conta que a sindemia é preocupante em contextos de desigualdade social, onde o ambiente hostil não colabora com o envelhecimento saudável, como por exemplo, ausência de saneamento, altos índices de violência, falta de áreas verdes e de lazer, residências insalubres dentre outros fatores, a sinergia entre o vírus SARS-CoV-2 e doenças crônicas mais comuns no envelhecimento, tende ao agravamento nas condições de saúde e cuidado, incluindo a saúde mental (HORTON, 2020).

A solidão, o isolamento, o afastamento do convívio de familiares e amigos, readaptação das atividades cotidianas e o idadismo, o estresse, preocupação com contaminação e contágio, bem como questões relacionadas a tratamentos e cuidados pós-COVID-19 são fatores que podem resultar em aumento da ansiedade, episódio depressivo, redução ou perda da autonomia e piora da qualidade de vida (KLEIN, 2020), impactando na comunicação entre a pessoa idosa e seus familiares e prestadores de cuidados.

Além disso, muitas atividades profissionais da saúde e da assistência social passaram a ser à distância durante a pandemia, como teleatendimentos e telemonitoramento, o que também pode ser fator gerador de estresse sobretudo para os idosos que não tenham habilidade digital, que apresentem diminuição das funções visuais e auditivas, doenças incapacitantes e limitantes do movimento, declínio cognitivo, baixa escolaridade, entre outros fatores. Tal problemática também pode desencadear ruídos na comunicação em detrimento das rotinas de cuidados e acompanhamento desses idosos.

A pandemia tonou-se assim, um alerta de cuidado em amplo espectro, suscitando questionamentos acerca do viver contemporâneo e suas implicações. Desse modo, há que se pensar na comunicação como o elo entre a pessoa idosa, suas condições de saúde, interação com o ambiente e as relações sociofamiliares. Exercitar a comunicação compassiva e mais efetiva entre todos os que compõe este cenário é um passo para o fortalecimento das redes de apoio, tanto informais quanto formais de modo a assegurar a permanência da pessoa idosa na comunidade e uma das formas de prevenir agravos à saúde (DUARTE; DOMINGUES, 2020).

Nesse sentido, o diálogo utilizado como exercício com metodologia proposta por David Bohm pode ser o mecanismo de reflexão e busca por entendimento de conflitos de natureza variada, de questões mais simples, como a organização de uma rotina de cuidados às mais complexas, como a convivência sociofamiliar, além de aproximar a pessoa idosa de profissionais com quem interage e nas relações sociais, como grupos de convivência, por exemplo.

2.2 MARCO TEÓRICO: O LEGADO DE DAVID BOHM

Pensando em diálogos saudáveis, cujo exercício é principalmente refletir sobre os pensamentos que levam a atitudes equivocadas e conflitos não harmoniosos, David Bohm, físico e pensador estadunidense do século XX, desenvolveu trabalhos centrados no diálogo e no estudo sobre as relações entre pessoas, grupos e instituições. Com argumentos fundamentados na teoria quântica e ciência cognitiva, ele trouxe valiosas contribuições ao campo da resolução de conflitos, comunicação não-violenta e cultura de paz.

Humberto Mariotti, professor e coordenador do Centro de Desenvolvimento de Lideranças da Business School São Paulo propõe no artigo Diálogo: Um método de reflexão conjunta e observação compartilhada da experiência, a seguinte definição para “diálogo”:

É uma metodologia de conversação que visa melhorar a comunicação entre as pessoas e a produção de ideias novas e significados compartilhados. Ou, posto de outra forma: é uma metodologia que permite que as pessoas pensem juntas e compartilhem os dados que surgem dessa interação sem procurar analisá-los ou julgá-los de imediato (MARIOTTI, 2001, p. 23)

Por sua vez, Bohm conduz reflexões sobre os condicionamentos que levam os indivíduos a supor que estão com a razão e com isso se tornam incapazes de discernir o que os impele a certas atitudes. Considerando que os indivíduos têm dificuldade em elaborar algum desconforto gerado no diálogo, esta pessoa tende a atribuir ao problema causas externas, ou seja, numa discussão o problema sempre está centrado no outro ou em alguma coisa.

Deste modo, ao invés de desenvolver uma escuta consciente, o indivíduo se torna reativo. Segundo Bohm ao voltar a atenção para seus próprios pensamentos, o indivíduo passa a analisar a situação sem as imagens mentais ou ideias cristalizadas que o prendem ao problema, suspendendo “pressupostos” e permitindo-se observar e ser observado. Assim, a comunicação deixa de ser unilateral e ego-centrada e se torna um diálogo saudável (BOHM, 2005). O autor traz uma definição do que considera “propriocepção do pensamento” ou autoatenção do pensamento, conforme segue:

Propriocepção” é um termo técnico. Pode-se também dizer “autopercepção do pensamento”, “auto atenção do pensamento” ou “o pensamento percebe a si mesmo em ação”. Qualquer que seja a expressão usada, o que quero dizer é que o pensamento deve ser capaz de perceber o seu próprio movimento, prestar atenção a ele. No processo de pensar, deve haver a consciência desse movimento, da intenção de pensar e dos resultados do pensamento. Se formos mais atentos, veremos como o pensamento produz resultados fora de nós. Talvez até mesmo possamos ficar imediatamente cômicos de como isso influencia a percepção (BOHM, 2005, p. 143).

Seguindo essa linha conceitual, Freire (1987) em seu livro Pedagogia do Oprimido, dedica um capítulo para tratar do diálogo, abordando o amor e a humildade como sentimentos

que promovem diálogo, ao contrário da arrogância. Freire trata o amor como elemento fundante à prática dialógica, onde aponta o diálogo verdadeiro relacionado a um pensar verdadeiro, onde reconhecer a dicotomia do homem leva a um ciclo de solidariedade que não se rompe.

Ademais, para Schirch e Campt, (2018), o ser humano constrói seu percurso de vida em constante comunicação, sobretudo com sua família, onde aprenderá valores como convivência e papéis sociais relacionados à vida familiar, seguindo em permanente comunicação com o meio que o cerca. Incentivar pessoas a compartilhar suas experiências de vida moldadas por um conjunto de crenças e valores, abordando sem inquirir, mas ressaltando a importância dessas experiências e o valor que contém, pode transformar o modo como essas pessoas se comunicam.

De acordo com Watzlawick *et al.*, (2001), algumas propriedades básicas da comunicação, nomeadas pelos autores como axiomas, interferem diretamente no modo como os seres humanos se comunicam. O primeiro axioma, diz respeito à “impossibilidade de Não comunicar” que explica que, sendo a comunicação implicada no comportamento e não havendo a possibilidade de “não comportamento”, é impossível ao homem não se comunicar.

Seguindo um pouco mais nessa conceituação, os demais axiomas da comunicação humana, segundo os autores, são: O conteúdo e os níveis de relação da comunicação, a sequência de eventos e a interação entre eles, a comunicação digital e analógica e as interações simétrica e complementar, que envolvem desde o comportamento individual até os códigos que os emissores e receptores constroem ao longo da interação a partir da observação e das “pistas” que o outro dá sobre a forma e o conteúdo da comunicação.

Se a comunicação é o próprio homem, a função do diálogo na comunicação parece ser o esteio da humanidade, possibilitando interação, troca, transmissão de legado e de cultura, afirmação de valores, base para o desenvolvimento e estabelecimento de condutas e de apropriação dos papéis sociais exercidos ao longo da vida. Buber, filósofo, teólogo e pensador, traz a ideia de alteridade em seus escritos sobre diálogo. Rent (2020), argumenta sobre o pensamento Buberiano, em que o diálogo autêntico não é uma simples conversa; ocorre num campo relacional, onde nos encontramos inseridos, imersos para além das palavras, nos afetos e no silêncio.

Este sentido de alteridade é reconhecer o outro como indivíduo, compreender que há diferenças entre os seres e estabelecer com ele uma relação viva, de reciprocidade. Ao reconhecer nele o outro como reconheço a mim, o processo de comunicação se baseia em observação e escuta. Dessa forma, o diálogo autêntico acontece para além das ideias pré-concebidas (KRAMER *et al.*, 2016).

Bohm segue linha de pensamento semelhante. Na roda de diálogo cada participante entra em contato com o conjunto de crenças e valores que balizam suas atitudes, tendo a chance de observar preconceitos e concepções prévias e padrões de pensamento e sentimentos, bem como papéis que desempenha cotidianamente, tendo ainda a oportunidade de compartilhar no grupo suas percepções. O círculo permite que ocorra um “fluxo” de sentimentos e pensamentos que vão de certa forma, construindo coletivamente significados a partir do diálogo “consigo mesmo” (BOHM, 2007).

Trata-se de um exercício de fortalecimento da atenção profunda, de reconhecimento da propriocepção ou autopercepção, que Bohm estende ao pensamento, denominando-o propriocepção do pensamento, ao propor que este deve ser observado antes de ser verbalizado. Numa roda de diálogo cada participante deve ser capaz de observar o resultado de seus pensamentos e ao fazê-lo, evita um emaranhado de pensamentos que se encadeiam, criando problemas que levam às dificuldades na comunicação.

Seguindo a lógica de Bohm, a roda de diálogo pode trazer benefícios na comunicação entre idosos e familiares assim como entre idosos e profissionais em situações de convivência ou de cuidado, pois sua dinâmica permite a atenção aos pensamentos e emoções observando-os antes de reagir com uma ação ou resposta e, assim, experimentar novas atitudes. Diz Bohm:

O objetivo do diálogo não é analisar as coisas, ganhar discussões ou trocar opiniões. Seu propósito é suspender as opiniões e observá-las- ouvir os pontos de vista de todos, suspendê-los e a seguir perceber o que tudo isso significa. Se pudermos perceber o que significam todas as nossas opiniões compartilharemos um conteúdo comum (BOHM, 2005, p.65).

O exercício do diálogo fundamentado por Bohm é um caminho para compreender e desenvolver novas formas de pensar as relações humanas, a comunicação por meio da linguagem e tudo que a cerca e envolve um conjunto de estruturas que vão desde a palavra como expressão de uma ideia, até as interpretações do que essa ideia pode derivar. A partir do diálogo é possível investigar e compreender tudo o que envolve e interfere na comunicação.

Para além dessa compreensão do diálogo sugerida por Bohm, o autor traz à luz a concepção do pensamento como um sistema, de tal sorte que, analisando a raiz da palavra diálogo, tem-se que: diálogo tem sua raiz na palavra grega “diálogos”, onde *dia* significa *por meio de* e *logos*, quer dizer “a palavra” ou o “significado”. Nesse sentido, o significado flui entre as pessoas num diálogo, seja entre duas pessoas ou num grupo. Por meio do diálogo, os pensamentos fluem num sistema (BOHM, 2007).

De acordo com Key Pranis há vários tipos de círculos de construção de paz utilizados para essa fluidez de ideias e pensamentos com objetivo de trabalhar variados pontos de vista.

No círculo ou roda de diálogo os participantes examinam uma questão ou tema, num exercício de reflexão e não necessariamente cheguem a algum consenso. O propósito é ouvir e ser ouvido com respeito (PRANIS, 2010).

Cabe aqui mencionar ainda que brevemente, o que significa uma “cultura de paz”, que Key Pranis menciona ao abordar os círculos de construção de paz. De acordo com a UNESCO (2001) a ONU definiu a cultura de paz por meio da Resolução A/52/13 de 1998: “a cultura de paz consiste em uma série de valores, atitudes e comportamentos que rejeitam a violência e previnem os conflitos, tentando atacar suas causas para resolver os problemas por meio do diálogo e negociação entre pessoas, grupos e nações”.

Outro documento da instituição, a Resolução A/53/243 de 1999 intitulado Declaração e Programa de Ação sobre uma Cultura de Paz, contém oito itens para ampla abordagem da cultura de paz em todas as esferas de poder e sociedades. São elas:

- 1- Promover a cultura de paz por meio da educação;
- 2- Promover o desenvolvimento sustentável, econômico e social;
- 3- Promover o respeito de todos os direitos humanos;
- 4- Garantir a igualdade de gênero;
- 5- Promover a participação democrática;
- 6- Promover a compreensão, tolerância e solidariedade;
- 7- Apoiar a comunicação participativa e a livre circulação de informação e conhecimento;
- 8- Promover a paz e a segurança internacionais.

Com a população mundial envelhecendo torna-se importante disseminar ações sobre a cultura de paz a fim de desconstruir estereótipos relacionados à velhice, estimular a convivência entre gerações e fomentar a solidariedade intergeracional.

A gerontologia é um campo multidisciplinar e em todas as áreas se observa interface com a comunicação. Deste modo, lidar com processos de comunicação no envelhecimento por meio do diálogo, permite observar e compreender a qualidade de vida na velhice, a formação ou ausência de redes de suporte, o fortalecimento de vínculos, os cuidados em saúde, a sociabilização, o ambiente, a convivência familiar e entre gerações, as relações de cuidado, a manutenção da autonomia e a independência da pessoa idosa, bem como identificar situações de violência e preconceito. Estudos sobre a interdisciplinaridade contidos na gerontologia têm sido cada vez mais presentes (CHENA *et al.*, 2015).

Ademais, tratar da comunicação e seus impactos no processo de envelhecimento é coerente com a perspectiva do curso de vida, ou Teoria Life-Span de Paul Baltes (1987), que

contrapõe a ideia de que a velhice é um período de perdas e sofrimento, permeada somente por declínios. Baltes traz grandes contribuições aos estudos sobre o envelhecimento ao inserir o conceito de plasticidade, caracterizada pelo conjunto de perdas e ganhos e de um equilíbrio ou manutenção na capacidade adaptativa (STAUDINGER *et al.*, 1993).

Desse modo, o processo de envelhecimento passa a ser entendido como multidimensional considerando-se os recursos internos de cada indivíduo, tais como cognição e saúde física e os recursos externos, como a rede de apoio e social, condição socioeconômica e interação com o ambiente num determinado momento, haja visto que esses recursos são passíveis de mudança pelo dinamismo do próprio ciclo de vida (STAUDINGER *et al.*, 1993).

Assim, para os autores a resiliência seria um “subtipo” da plasticidade, recursos “ocultos” ativados para reagir a eventos adversos de tal modo que se mantendo esse potencial adaptativo, se alcança o equilíbrio entre os riscos, as perdas e os ganhos na velhice. Considerando-se que a comunicação permeia absolutamente todo o ciclo de vida, é possível relacionar o diálogo e sua importância à plasticidade adaptativa e resiliência à medida que se envelhece.

Além de passar por todas as dimensões elencadas acima, o diálogo envolve ainda, construções socioculturais, pressupostos, ideias, crenças e sentimentos que são o estofamento para o senso de identidade. A partir de todas essas características, e entendendo o ser humano como ser em constante movimento, portanto em constante construção, o diálogo se constitui então no conjunto de ideias que é, por assim dizer, o próprio homem (BOHM, 2005).

Uma comunicação pautada no que Bohm chama “pressupostos” pode estar carregada de ideias preconcebidas e que se “antecipam” num momento de comunicação, causando situações mais reativas que dialógicas. Outro autor que trata dessa questão é Rosenberg (2006), que traz a comunicação não-violenta (CNV) como um pilar para a cultura de paz e um mundo de mais cooperação entre as gerações. Segundo o autor a CNV aflora a compaixão natural, pois consente a escuta profunda e eleva a empatia, permitindo relacionamentos mais eficazes em qualquer área de nossas vidas, seja nas relações familiares, no trabalho, na comunidade ou consigo mesmo.

Conforme o diálogo se delineia nesses escritos, percebe-se o quanto a comunicação pode agir de modo positivo ou negativo dentro das dinâmicas que envolvem as relações de convivência e cuidado com a pessoa idosa. Com este embasamento, utilizar a metodologia do diálogo de Bohm, pode levar à melhora na qualidade das relações, seja nos contextos do cotidiano, ou na percepção da vida como um todo, tornando o indivíduo mais preparado para

atuar respeitando diferenças. Assim, Bohm traz os pilares para o desenvolvimento de uma roda de diálogo, onde cada item tem a sua importância para assegurar a fluidez do diálogo. São eles:

1 - Sentar-se em círculo

O objetivo é não privilegiar ninguém, as posições são iguais para todos, onde os participantes se comunicam diretamente, sempre em primeira pessoa: “eu sinto que”, “hoje acordei me sentindo”, “para mim, está mais difícil”.

2 – Ter um facilitador para acompanhar o processo

Importante que o facilitador não tenha um lugar de destaque no grupo, que observe o movimento e que se retire do grupo à medida que este se fortaleça o suficiente para seguir sozinho, o que costuma levar um tempo.

3 – Ter regularidade

Os encontros precisam ocorrer semanalmente ou quinzenalmente para que o grupo passe a se conhecer e integrar, confiar. Por isso, não se deve esperar que problemas pessoais surjam logo ao início, mas se ocorrer, deverão ser acolhidos.

4 – Não se trata de terapia

O objetivo é fortalecer a comunicação, não é “tratar” algo ou alguém, direcionar, encaminhar.

5- Não é um processo decisório

Não se pretende tomar decisões acerca de algo ou alguém. Portanto, a ideia é não responder à colocação anterior. Por exemplo: “Hoje eu estou sentindo frio” diz um participante e outro participante do grupo diz: “Ah! Está com frio porque você veio pouco agasalhado, na próxima semana traga mais agasalhos”.

6- Deve haver um “espaço vazio” num grupo de diálogo

“Qualquer coisa pode entrar neste espaço” diz Bohm, que trata este como um dos pontos principais do diálogo. O vazio oportuniza a recepção de novas ideias, pontos de vista diferentes.

7- O objetivo maior é comunicar-se coerente e verdadeiramente

Isso não quer dizer que não se possa traçar um propósito de investigação para o grupo, mas deve-se ter o cuidado de permitir o fluxo, sem agarrar-se a objetivos específicos.

8- Dar lugar ao silêncio

O silêncio é comunicação, pode dizer muita coisa, transmitir conforto ou desconforto, além de permitir que nesse momento o participante observe a si mesmo e a seus pensamentos.

9- Negociar para poder dialogar

Algumas vezes, antes de iniciar uma roda de diálogo é preciso negociar algum ponto e partir dele.

10- O ponto central não é a identificação com o grupo, mas o próprio grupo, o que têm em comum.

(BOHM, 2005, p.47-53)

3 JUSTIFICATIVA

Atualmente muito se tem falado sobre a comunicação e seus efeitos e impactos na contemporaneidade. Pensadores como Bohm (2005; 2007), Rosenberg (2006) e Freire (1987) entre outros, abordam o diálogo como elemento fundamental para a cooperação entre gerações e o caminho para as relações apoiadas na comunicação compassiva e pautada numa cultura de paz.

Entretanto, são poucos os estudos na literatura gerontológica que correlacionam comunicação e diálogo no envelhecimento. Todavia, sendo a gerontologia um campo interdisciplinar, a comunicação permeia os múltiplos fatores que envolvem a pessoa que envelhece.

Ao conectar o diálogo com o envelhecimento, se faz necessário refletir sobre o envelhecimento como curso de vida heterogêneo e por consequência particularizado, afetando a comunicação que a pessoa idosa estabelece a partir de sua capacidade funcional e a manutenção (ou não), da autonomia e independência essenciais ao bem envelhecer (FREITAS *et al.*, 2017).

Pelos motivos expostos, este trabalho visa aplicar rodas de diálogo entre pessoas idosas e indivíduos de outras faixas etárias, familiares, cuidadores e profissionais que rotineiramente atendem a idosos, com o intuito de estudar como se dá o diálogo entre gerações e se o exercício do diálogo pode contribuir para a melhora nas relações sociofamiliares.

4 OBJETIVO GERAL

Desenvolver Rodas de Diálogo com idosos, familiares e profissionais que frequentam um serviço especializado em Geriatria e Gerontologia.

4.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- 1) Analisar a dinâmica grupal para a escuta atenta e mais qualificada na longevidade;
- 2) Propor aos serviços que atendem à população idosa o método Diálogo de Bohm como instrumento de trabalho com grupos.

5 MÉTODO

5.1 DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO

Para análise dos dados da pesquisa de campo optou-se pelo método do Discurso do Sujeito Coletivo (LEFÈVRE *et al.*, 2002) em abordagem qualitativa, com amostra por conveniência, que ocorreu no Instituto Paulista de Geriatria e Gerontologia, IPGG, um centro de referência em saúde do idoso, equipamento público do governo do estado de São Paulo localizado na zona leste de São Paulo, capital, entre agosto e setembro de 2021. Por meio desse método é possível identificar e expressar opiniões coletivas (Tavolaro *et al.*, 2006).

O estudo foi delineado da seguinte forma: Cinco encontros intitulados Rodas de diálogo, sendo executado um pré-teste para apresentação da pesquisa e da pesquisadora, a justificativa para o trabalho e os cinco encontros seguintes com rodas de diálogo pautadas em uma pergunta disparadora, onde o grupo permanece em total liberdade para manifestar-se a partir da abertura da roda com a pergunta. Para organização e condução dos grupos, optou-se pela metodologia dos grupos focais.

Assim, o pesquisador assume um papel ativo nos grupos focais (ARANTES; DEUSDARÁ, 2017), onde estimula a participação e a interação no grupo, de modo que os integrantes encontrem um ambiente acolhedor de suas experiências, pontos comuns e divergências. A pesquisadora foi facilitadora, manifestando-se pontualmente na primeira pessoa, seguindo os pressupostos conforme Bohm, o que lhe deu - ainda que subjetivamente - a conotação de participante, haja visto ser parte do coletivo. Bohm afirma que:

“A maioria dos pensamentos vem da base coletiva. A linguagem é coletiva. A maior parte de nossos pressupostos básicos vem da sociedade, o que inclui todas as nossas pressuposições a respeito de como ela funciona, sobre que tipos de pessoas devemos ser e sobre relacionamentos, instituições e assim por diante”. (BOHM, 2005, p.41)

Desse modo, pesquisar o diálogo pela ótica de Bohm, alicerçando os encontros pelo método dos grupos focais e com análise baseada no Discurso do Sujeito Coletivo, trouxe estrutura a um tema de pesquisa complexo por sua natureza, mas que encontra sua essência na voz do coletivo tão necessária na contemporaneidade.

O discurso do Sujeito Coletivo (DSC) conforme mencionado acima, traz para o campo o pensamento coletivo como objeto de pesquisa por meio da Teoria das Representações Sociais onde os pensamentos expressos individualmente se somam ao identificar-se termos-chave nos discursos, permitindo agrupá-los em representações do coletivo, conforme trecho do artigo de Lefrèvre *et al.* (2010, p. 802) nos revela:

A constituição desse eu ampliado como veículo expressivo não é, contudo, um artifício meramente decorativo, um “floreado” literário, mas um recurso

que, incitando a que a dimensão expressiva do discurso retroaja sobre sua dimensão semântica, contribui para que tal discurso possa efetivamente ser considerado coletivo e ao mesmo tempo parecer uma história individual, de tal maneira que se fosse apresentado aos indivíduos portadores de opiniões semelhantes cujos depoimentos compuseram o DSC, pudesse produzir neles o efeito de um pensamento compartilhado como: “ eu também penso assim”, “eu não disse tudo isso mas, poderia ter dito (p.802).

Em face dessa pesquisa pautada no diálogo e envelhecimento, onde o campo foi delineado a partir da metodologia de Bohm e cujos objetos centrais são o exercício da atenção profunda e a observação dos próprios pensamentos aliados à escuta das falas dos outros participantes, a coleta de dados analisada sob a ótica do Discurso do Sujeito Coletivo trouxe sentido e deu forma às falas dos participantes, de modo que os pensamentos, depoimentos, sentimentos e emoções individuais se tornaram uma voz única, a do sujeito coletivo, conforme descrito na discussão.

Percebe-se que há uma sintonia nos métodos empregados nesse trabalho, quando Bohm (2005) manifesta a necessidade de olharmos para duas espécies de pensamento, o individual, advindo das opiniões e leituras que fazemos de tudo no mundo, apoiados na cultura e valores recebidos e o pensamento coletivo, aquele originado exatamente na cultura e valores que são desenvolvidos coletivamente e constituem tudo o que nos rodeia. Para Bohm, os pressupostos básicos em que nós apoiamos vem da sociedade onde estamos inseridos.

5.2 INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

A coleta de dados foi realizada a partir da leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) disponibilizado no Apêndice B, que assegura a concordância e disponibilidade do participante em ser entrevistado e ter seus dados fornecidos na entrevista utilizados para fins acadêmicos. Após a assinatura do TCLE, entrega de uma via para o participante e retenção da segunda via pelo pesquisador, foi iniciada a coleta de dados sociodemográficos, guiada pelo questionário contido no Apêndice A. Esse questionário foi elaborado pela autora e contém as seguintes questões: distribuição por sexo, faixa etária, composição familiar, habitação, renda, escolaridade e condições de trabalho.

A pesquisadora não contou com um assistente de pesquisa, realizando todo o procedimento para os encontros sozinha, tais como: explicações sobre a pesquisa, gravações e observação dos participantes. A servidora do IPGG, facilitadora do grupo Encontros do Saber, auxiliou no preenchimento do TCLE junto às idosas participantes e também para a organização do espaço físico: ajuste das cadeiras com o afastamento recomendado e solicitação do uso de máscaras cirúrgicas.

Além disso, não foi possível utilizar o Qualiquantisoft (software desenvolvido com base na teoria do DSC) para análise dos depoimentos dos participantes, por encontrar-se em atualização no momento em que a pesquisa se deu. Desse modo, a análise do material coletado (as falas individuais gravadas e transcritas em todos os encontros) bem como a identificação das ECH (expressões-chave) foram feitas manualmente pela pesquisadora.

5.3 ASPECTOS ÉTICOS E LEGAIS DA PESQUISA

Neste estudo, somente participaram da pesquisa os participantes que leram e concordaram com os termos descritos no TCLE (Apêndice C).

Além disso, o anonimato dos participantes foi mantido em todas as etapas da pesquisa, levando em consideração os preceitos éticos relacionados à Ética em Pesquisa com seres humanos de acordo com a Resolução 510/2016.

Portanto, o projeto de pesquisa foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo, com o n° de parecer: 4.847.506 (Anexo A).

6 RESULTADOS

A apresentação dos resultados será em duas partes: a primeira destina-se aos dados relacionados ao perfil sociodemográfico e a segunda parte mostrará as rodas de diálogo com as narrativas dos participantes.

6.1 PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO DOS PARTICIPANTES

O grupo constituído foi de 16 participantes. O perfil sociodemográfico dos participantes serão descritos a seguir por meio de gráficos.

Gráfico 1. Faixa etária dos participantes da pesquisa



Gráfico 2. Distribuição dos participantes por sexo

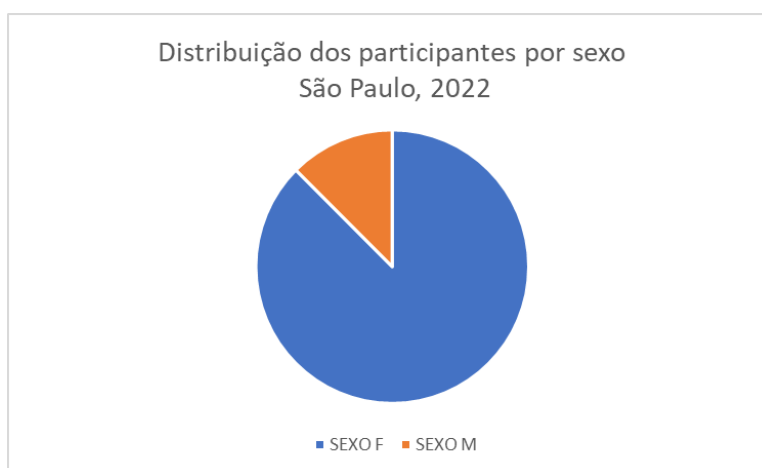


Gráfico 3. Condições de moradia

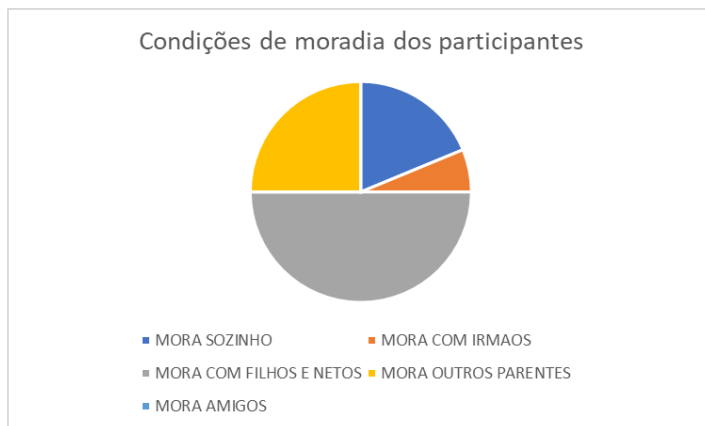


Gráfico 4. Estado Civil



Gráfico 5. Número de filhos

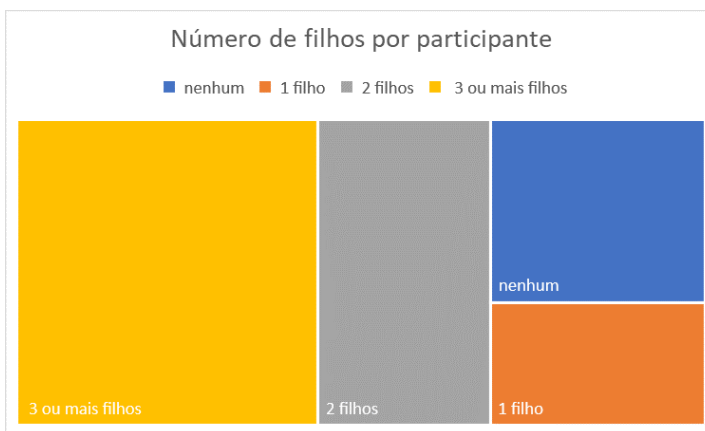
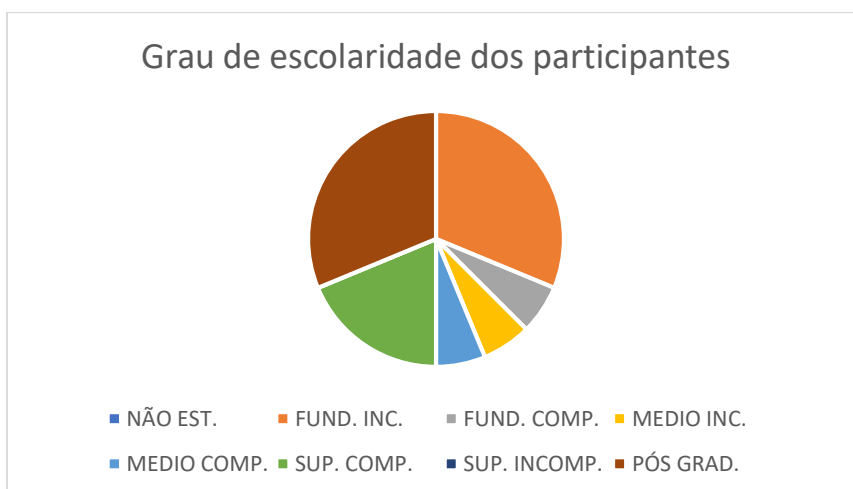
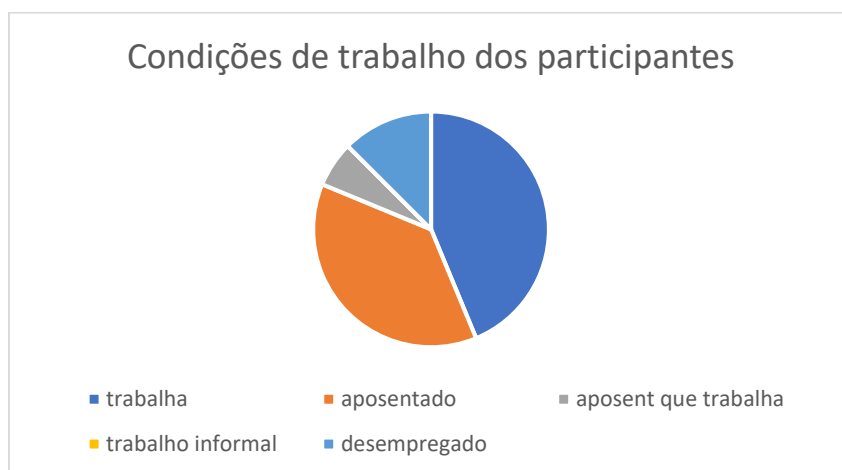
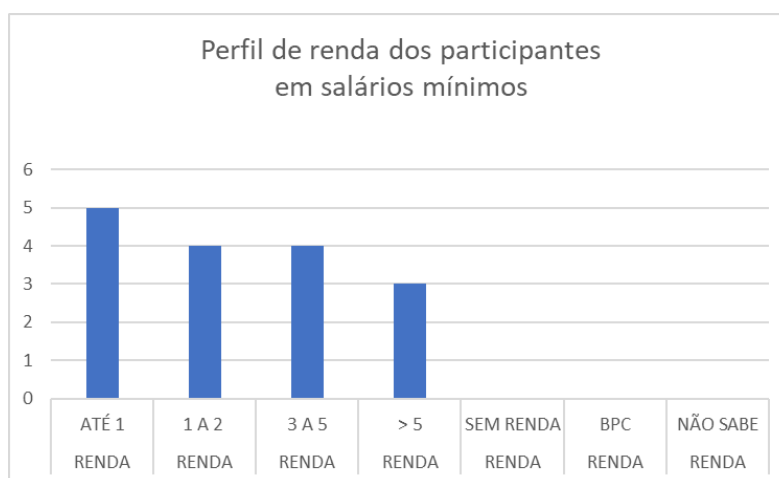


Gráfico 6. Grau de escolaridade**Gráfico 7. Condições de trabalho****Gráfico 8. Renda em salário mínimo**

Em relação às profissões/ ocupações dos participantes, tivemos:

- 1 nutricionista
- 1 educadora
- 1 funcionário público
- 1 profissional de recursos humanos
- 1 diarista
- 1 pensionista
- 2 donas de casa
- 2 auxiliares administrativos
- 3 aposentados
- 3 fisioterapeutas

6.2 RODAS DE DIÁLOGO – DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO

6.2.1 PRÉ-TESTE

O pré-teste teve por objetivo fazer um reconhecimento do espaço onde os encontros seriam realizados, dar conhecimento sobre as perguntas disparadoras bem como conhecer alguns participantes, frequentantes de um grupo que mantém reuniões permanentes na unidade intitulado Encontros do Saber, composto de 30 pessoas, com frequência variável sendo em sua maioria, mulheres idosas.

Em decorrência da pandemia do Covid-19 a unidade liberou o retorno presencial ao serviço somente para profissionais e idosos e seus acompanhantes devidamente vacinados. Foram seguidos rigorosamente os protocolos estabelecidos, como: aferição de temperatura, comprovação de vacinação, higienização das mãos e o uso de máscaras. Ainda assim, o grupo constituído foi de 16 participantes.

Por ser um retorno presencial após longo tempo de afastamento social, a pergunta disparadora do pré-teste teve como um de seus objetivos, acolher esse momento de reinserção social e os sentimentos e emoções que cada participante trazia consigo, sendo pautada na questão do diálogo, coletando primeiras impressões dos participantes sobre o “dialogar”:

Para vocês, o que é dialogar? O que é uma roda de diálogo?

A partir do pré-teste os encontros passaram a ser semanais, sempre às quartas-feiras das 14h às 15 horas no andar térreo do IPGG. O grupo contou com a presença de profissionais das

áreas de saúde e administrativas do serviço, bem como pessoas idosas e alguns familiares acompanhantes (uma filha e uma neta) sendo que a presença foi variando ao longo dos encontros de acordo com a disponibilidade de cada um, tanto em relação às pessoas idosas quanto em relação aos profissionais da instituição.

Todos os encontros foram gravados e foi feita transcrição literal das gravações, sendo identificadas as expressões-chave (ECH) nos discursos. Foram selecionadas ideias centrais, ou ancoragens (IC) a partir da síntese dos discursos de cada encontro e então, se compôs o Discurso do Sujeito Coletivo (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2002).

Durante o pré-teste percebeu-se que os participantes precisavam muito falar do processo da pandemia e suas consequências e aprendizados, então foi inserida uma pergunta disparadora na primeira roda de diálogo relacionada à essa temática. As demais perguntas permaneceram iguais.

Conforme descrito acima, para cada roda de diálogo foram propostas perguntas disparadoras e a partir delas, buscou-se nas narrativas dos participantes expressões-chave capazes de trazer um sentido único (coletivo) associado àquele momento, como mostram os quadros a seguir, que foram delineados por encontro.

6.2.2 ENCONTROS DCS

Foi possível observar que os depoimentos das idosas presentes nos encontros foi mais predominante que de outras faixas etárias. Pelo fato do IPGG ser um serviço de referência em saúde da pessoa idosa, os profissionais que participaram das rodas de diálogo detêm conhecimento sobre envelhecimento, daí resultando certa homogeneidade nas falas e atitudes do grupo em si. Entre os mais jovens, encontravam-se dois residentes da especialização em gerontologia atuantes no serviço.

Desse modo, o gráfico abaixo apresenta um condensado dos depoentes por faixa etária, essas já apresentadas em gráfico nos dados do questionário sociodemográfico, com objetivo de mostrar o percentual predominante dos depoimentos das mulheres idosas do grupo em relação às demais idades. Delineado dessa forma, o gráfico mostra a abrangência dos discursos individuais selecionados pela pesquisadora que dão a base para a formulação do discurso coletivo de cada encontro.

Quadro 1. Percentual de falas dos depoentes em relação à faixa etária nos cinco encontros

Depoimentos/ Idade	20 a 39 (f)	40 a 59 (f)	60 ou mais (f)	Total
DSC 1° ENCONTRO	0	4	6	10
DSC 2° ENCONTRO	1	2	6	9
DSC 3° ENCONTRO	1	4	9	14
DSC 4° ENCONTRO	1	2	6	9
DSC 5° ENCONTRO	1	2	4	7
Total	4	14	31	49
Total %	8%	29%	63%	100%

O quadro acima mostra que ao longo das cinco rodas de diálogo, os participantes maduros (faixa etária de 40 a 59 anos) e as pessoas idosas (faixa etária de 60 anos ou mais) foram mais participativas nos encontros, com falas mais relacionadas à temática proposta. Denota ainda, que a presença do silêncio esteve entre os participantes mais jovens, que não emitiram comentário ou opinião sobre temas relacionados às perguntas disparadoras dos encontros.

Todavia, observou-se que a comunicação não-verbal entre os mais jovens esteve presente. A observação dos comportamentos durante as rodas de diálogo apontou que houve a presença centrada no momento presente, com acenos de cabeça em sinal de concordância, bem como expressões faciais de apoio às falas dos demais.

Ao longo das transcrições das gravações foi possível observar claramente, que havia uma necessidade de participação das idosas do grupo, pois em alguns momentos, manifestaram-se dizendo: “já falei demais”, “falo muito, vou deixar os outros falarem.”

O primeiro encontro teve a pergunta disparadora com foco no diálogo em momento de pandemia - **A pandemia mudou a forma como você dialoga com as outras pessoas?**

Quadro 2. DSC do primeiro encontro

EXPRESSÕES-CHAVE	IDEIAS CENTRAIS	ANCORAGEM
“Pra mim não fez muita falta não, eu tenho quatro grupos no celular, o professor na sala de aula, manda as coisas, o pessoal manda, a gente fica vendo, olhando, tem da família, tem um monte de.., aí quando um tá cheio passa para o outro.”	1° ideia – Tecnologia como algo positivo	O celular manteve as conexões durante a pandemia

<p>”Fora o particular também, conversa no particular, os outros não querem saber o que você está falando, então a gente conversa não fez muita falta não, falta mesmo foi de sair, né”...</p> <p>“Eu acho que mudou, pra mim mudou porque às vezes a gente saia muito, conversava muito fora, aí quando se sentir dentro de casa, sem ninguém pra conversar, às vezes só celular, conversar pelo celular, não tinha o prazer de falar muito...”</p>	<p>1º ideia – falta do contato externo</p> <p>2º ideia – o celular como “substituto” do contato pessoal</p>	<p>O “falar no celular” não é a mesma coisa que falar ao vivo, mas ajuda.</p>
<p>“Se você me chamar para conversar com a gente vai conversar, mas você me manda desenho, manda para mim e manda para todo mundo, não acho que seja uma coisa pessoal que eu tenho que responder né? ” Mas faz aquilo que você falou, a cabeça da gente vai imaginando, ela pensou isso, ela não está me respondendo porque está com raiva de mim. ”</p>	<p>1º ideia - Tecnologia em “excesso”</p> <p>2º ideia – Entre uma mensagem e outra, abre-se espaço para a imaginação</p>	<p>A tecnologia é boa, mas pode ser ruim também se não for bem utilizada.</p>
<p>“Aconteceu isso comigo, mas a nossa vida que é muito corrida, (...) eu vi que ele mandou, mas eu não tenho tempo de olhar vídeo aqui, não respondi, eu vou responder à noite quando chegar em casa, mas até eu chegar em casa, já tinha passado para uma outra irmã, outra irmã, o que o C. tinha me feito que eu não falo com ele, meu Deus! Nada! Mas por que? –“Porque ele falou que você não responde as mensagens dele”</p> <p>“A tecnologia é boa, veio para nos ajudar, mas a gente gosta de ficar junto, de sentir o calor um do outro e criou um afastamento muito grande, eu não vou na casa de ninguém, não vou na casa de irmão nenhum e a gente só se fala pelo celular</p> <p>R: Isso ajudou bastante R: Perde o contato físico né! R: É importante, nós falamos sobre isso, o contato é importante, o abraço R: Muito bom o abraço, acolhe né? Acalma, é muito bom</p>	<p>1º ideia – o tempo de cada um</p> <p>2º ideia- Toque físico que acalma</p>	<p>O tempo de cada pessoa é relativo e o modo de se relacionar, também.</p> <p>O toque é nosso modo de expressar sentimentos.</p>

<p>“Nesse momento que estamos vivendo, acredito que, se Deus quiser, está passando, eu comentei com uma amiga, eu acho que ainda não é a doença pra sermos pessoas mais humanas, porque eu acho que as pessoas estão muito mais agressivas, muito mais impacientes, muito mais falta de amor, você contou isso, eu passei por isso hoje”.</p>	<p>1ª ideia Pandemia aumento agressividade</p> <p>– e de</p>	<p>É preciso mais amor e paciência, tem que ser mais humano.</p>
<p>“Então eu acho que está faltando isso mesmo na gente, nós é que temos que nos policiar, rever a nossa forma de agir, a nossa forma de falar com as pessoas, acho que está faltando mais amor entre a humanidade porque nós estamos perdendo entes queridos, estamos perdendo amigos, vizinhos, não sei se pra todo mundo a flor da pele, se eu for contar pra vocês, essa semana foram dois casos de polícia lá, porque uma vizinha puxou o cabelo da outra...”</p> <p>“Então eu acho que está faltando mais em nós mesmos, então está todo mundo muito a for da pele e nós não queremos perder tempo, mas por que também? Se tiver que ir a gente vai independente do nosso tempo, dos problemas, das dívidas, nós vamos, acho que falta mais amor, no geral entre todos nós.</p> <p>“Eu mais nova também, bastava olhar que sabia que ia tomar uma surra daquelas quando chegasse em casa, o olhar já dizia tudo, assim, agora minha filha me chama de broaca: -“E aí broaca, você está vindo para casa? ”</p> <p>“Aí ela falou assim: -“Seu Gerânio*, o senhor não quer uma carona até o ponto? – “Ela me chamou de Seu Gerânio! ”, -“Sim, ela te colocou no seu lugar, está te dando uma carona, porém, você é um senhor”, e ele: -“não me acho não, eu olho no espelho, não acho senhor, tiozinho”, eu falei: - “verdade, mas o que ela fazendo era respeito”, mas hoje também está mudando...”</p>	<p>1ª ideia - A autoatenção do pensamento - foco em si</p> <p>2ª ideia - tensão</p> <p>3ª ideia – coletivo, “todos nós”</p> <p>1ª ideia-As relações familiares</p> <p>2ª ideia - Comunicação entre gerações</p> <p>3ª ideia - Relações de poder</p>	<p>O diálogo e a autoatenção do pensamento</p> <p>Ausência de diálogo gera tensões e agressividade</p> <p>A perspectiva do coletivo a partir de como eu me sinto, como eu ajo, como eu me vejo.</p> <p>A comunicação foi se transformando junto com os costumes. O modo de falar e agir acompanha as gerações e seu lugar no mundo.</p> <p>Diálogo na perspectiva do intergeracional.</p>

“Para mim, professor, médico, é tudo senhor, é superior, se eu vou estudar com ele, não vou tratar ele de você”		As relações de poder, hierarquia e respeito (pais, profissionais, chefes)
---	--	---

*Pseudônimo usado para manter a neutralidade do participante.

O segundo encontro trouxe para reflexões a questão do cuidado e das relações humanas para o cuidar. Muitas das falas ainda trouxeram conteúdo da pandemia e o cuidado dispensado nesse momento particular da história, mas foi possível observar outros conteúdos, como a importância da escuta, denotando aos poucos o desagregamento das questões da pandemia para enveredar por outros sentidos. **Dialogar também pode ser uma forma de cuidado?**

Quadro 3. DSC do segundo encontro

EXPRESSÕES-CHAVE	IDEIAS CENTRAIS	ANCORAGEM
“Cuidado, a gente se preocupa com os outros né? E a gente vai pegando uma palavra, eu acho que faz parte”	A palavra expressa preocupação com o outro	Diálogo como cuidado.
Eu acho que o diálogo é tão importante porque às vezes, aquela única ferramenta que você tem naquele momento, mesmo que a gente acha que é pouco, mostrar o que eu falo, trocar experiência, vai auxiliar de alguma maneira, então acho que é bom a gente entender que sim porque eu posso manter, posso não fornecer uma ajuda material, uma ajuda em espécie, mas eu tenho a palavra. Então eu acho que o diálogo é uma maneira de cuidar”	Diálogo como um cuidado que independe de outros recursos para existir	O cuidar como aspecto mais amplo da condição humana
”Eu vejo como o maior cuidado porque as vezes você tem uma pessoa, ela está medicada, ela está fazendo várias coisas, na verdade o que ela quer é alguém que escute, que ela possa colocar, quando a gente não está bem por dentro, você não está bem com nada, então eu acho que às vezes só você colocar pra	A escuta como “o maior cuidado”	É preciso estar bem internamente para expressar o bem-estar.

<p>fora, a pessoa te ouvir, nem precisa falar muito, só o fato da pessoa te ouvir, mostrar que ela está voltada pra você”</p>		
<p>“E ela falava assim que a maior felicidade dela era estar aqui porque a gente ouvia, ela falou ninguém me escuta na minha casa, quanto eu tento falar com alguém, falam assim: -“vai lá, não sei o que”, ela falou que ninguém dá atenção e aqui ela se sentia que era o melhor lugar do mundo porque a gente escutava ela, ela falou: -“nossa, eu me sinto tão bem, tão feliz porque vocês me ouvem, vocês me escutam”, então como é importante ter um lugar né?”</p>	<p>Escuta e o senso de pertença</p>	<p>A identidade de grupo</p> <p>O espaço do diálogo como um lugar de pertencimento</p>
<p>“Porque a gente às vezes não percebe ao nosso redor mas quando a gente começa a perguntar, a gente vê quanta falta faz um diálogo, alguém pra te escutar, alguém pra te acolher, mesmo que esse acolhimento você não dialogue mas a pessoa dialogar, falar com você.: -“tô com dor” porque às vezes não tem com quem falar que está sentindo dor, que ela está sentindo qualquer coisa, então eu vejo a conversa, o diálogo como uma coisa muito importante de auto cuidado”</p>	<p>Autocuidado</p>	<p>Diálogo como momento para o reconhecimento de suas próprias dores.</p>
<p>“Eu acho que o cuidado é com tudo, se isso faz falta você imaginou o outro cuidado, a atenção que muitas vezes dá, eu acho que essa minha neta tem muita atenção comigo, preocupação, ela olha os remédios. O dia que tomo remédio a mais, ela sabe: -</p>	<p>O cuidado com o gerenciamento da vida</p>	<p>O diálogo como forma de preocupação com o outro</p>

<p>“vó não pode” aí vai no médico e fala que eu gosto de me medicar, então quer dizer que é uma atenção a mais que ela tem, vai, compra os remédios, eu falo, ela tem o cuidado de saber qual é o que não é levar no médico, eu acho que ela tem mais atenção comigo do que meu filho que mora ali...”</p>		
<p>“então acho que é importante a gente ter esse olhar, o que o outro está precisando, como que eu posso chegar e extrair porque às vezes a pessoa não consegue falar, então acho que eu preciso explorar ele de uma maneira que ele se sinta à vontade pra poder colocar aquilo pra fora”</p>	<p>Escuta e acolhimento</p>	<p>A confiança como uma manifestação de cuidado</p>
<p>“Eu também sou muito falante, eu me sinto à vontade nessas coisas de roda de conversa, eu acho que isso é bem legal porque, aquilo talvez não sirva pra mim mas serve sempre pra alguém”</p>	<p>O efeito da comunicação baseada em escuta e acolhimento “serve para alguém”</p>	<p>A potência da fluidez do diálogo num grupo.</p>
<p>tenho uma amiga (...) e ela veio falar que o filho faleceu, eu não estava abraçando ninguém, eu dei um abraço nela, eu tava com tanta vontade de falar isso com você, o que eu tô sentindo, aí eu dei um abraço nela, mudou totalmente o rumo, não tava abraçando ninguém não pode nada e ela veio me contar isso com uma confiança em mim que eu me choquei na hora que ela falou, então eu acho que tem coisas que acontecem que muda o seu modo de pensar, muda a condição naquela hora também</p>	<p>O poder transformador da escuta e da confiança</p> <p>Empatia</p>	<p>Sinais não-verbais como forma de cuidado</p> <p>Atos que ressignificam a vida</p>

<p>Eu tive um amigo(...), e ele falava que no abraço você consegue escutar o silêncio do outro, isso é muito bom, essa troca de silêncio, você dá o seu silêncio para o seu amigo e você recebe o silêncio dele e aí só precisa de uma troca de olhar, você entender, (...)porque eu sinto que você precisa de um abraço acolhedor, só de ouvir o seu silêncio, eu achava isso tão interessante, tão bonito né? Como é que a gente ouve o silêncio do outro</p>	<p>Ouvir a si mesmo e ao outro</p>	<p>Silêncio também tem significado.</p>
<p>Em casa não tem confiança de falar com ninguém R: E quando as coisas não se resolvem elas se tornam muito grandes R: Bom dividir com vocês essa troca, estamos aqui né? R: Quando as coisas não se resolvem elas se tornam muito grandes e quando elas se resolvem, elas apaziguam, quando elas não se resolvem elas ficam crescendo, igual um pensamento, você tá com um pensamento em alguma coisa ruim ou qualquer coisa, não resolve o pensamento, ele vai se tornando uma coisa que quando você vê você só está pensando naquilo R: Isso faz um mal muito grande</p>	<p>A força dos grupos para além dos relacionamentos familiares</p> <p>A tensão e o conflito que surgem daquilo que não é falado</p>	<p>A liberdade para trazer “as coisas ocultas, não faladas”</p>

Para o terceiro encontro, após a retomada de alguns pontos que circularam na roda de diálogo anterior, foi posta a continuidade das questões sobre o envelhecimento, haja visto o grupo ter circulado esse tópico espontaneamente. Dessa forma, a pergunta disparadora teve o objetivo de enveredar um pouco mais pelo tema - **A medida que a gente envelhece esse diálogo muda? Como?**

Quadro 4. DSC do terceiro encontro

EXPRESSÕES- CHAVE	IDEIAS CENTRAIS	ANCORAGEM
“Não é só o envelhecer da idade, é o envelhecer de tudo, eu digo, a pressão altera, a diabetes chega, eu acho que é o envelhecer de tudo (...) não é mais como era antes, o duro é quando a pessoa não aceita”	Alterações biológicas	O envelhecimento como parte da vida, inevitável.
“Porque se você aceita dói menos e é verdade, não é? Você está brigando com aquela idade, queria não ter isso queria não ter aquilo, fazer o quê, não pode voltar atrás?”	Processo irreversível	Resiliência
“Eu acho que a idade é o processo, tem pessoas que tem 60, 50 e poucos anos e está pior de saúde do que quem tem 80, 80 e poucos”	Curso de vida	Heterogeneidade do envelhecimento
“Acho que tem muita gente que não se prepara mesmo para a velhice, (...)mas eu acho que tem que ter essa preocupação, o que se faz hoje amanhã vai ter consequência, (...)tem que moderar a gente tem que se planejar...”	Curso de vida	O preparar-se para envelhecer
“Eu acho que até o estudo, ler, faz diferença” “Faz, eu tenho o curso aqui e é comprovado mesmo, quanto mais lê, quanto mais atividade mental faz, pelo menos o Alzheimer tem menos chance de pegar, casos de alunos que vão com depressão para a sala de aula e depois de um tempo reduz a quantidade de medicamentos é verdade, é cientificamente comprovado”	Aprendizagem contínua Envelhecimento ativo	Manter-se ativo pelo maior tempo possível A importância do grupo como espaço de cura
“A gente tem que saber o limite da gente, a gente tem que pensar quando a gente vê uma coisa a gente fica com vontade aí fala, não vou comprar, eu sou sozinha, só compro aquilo que eu vou comer....”	Conhecer os limites que se impõe	O grupo como meio para o combate da solidão
“Tô envelhecendo sim, as pessoas falam que eu não tenho essa idade porque eu tenho as atividades que eu gosto de dançar, eu gosto de fazer ginástica, eu fazia antes da pandemia eu participava daqui, participava dos dois grupos, aqui do IPGG, lá da Casa Viviane dos Santos que cuida de violência doméstica, (...)e participava do NCI (...)eu saia de manhã e chegava de noite e graças a Deus eu tenho força só agora que eu diminui bastante (...)mas a minha filha fala assim: -“mãe, mas é a idade!”	Manter-se em constante movimento	O ser percebido como velho e o perceber-se envelhecendo

Porque uma pessoa de 80 anos pode viver sem e outras morrem com 50, 60 de uma doença que a gente tem há tanto tempo e não atingiu para morrer ou talvez não cuidou direito, sei lá, tem muitas coisas que a gente não sabe né? Eu acho que também tem uma coisa assim, Deus é que sabe, talvez, se a gente for pensar, Deus cura R: São os mistérios da vida né?	Finitude e espiritualidade	A morte independe da idade, a finitude é fato. A impermanência da vida
“A gente não sabe qual é o limite do corpo e da mente”	Limites	A importância do reconhecer-se para ser ativo
“Pois é eu falei assim, tenho caso de aluno que vem para cá e fala assim o que os próprios filhos falam para eles: -“você vai na escola para quê? Você já está velha!”, é o que eu falo velho não pode mais, sabe aquelas coisas”	Estereótipos	A importância do aprender constante para romper com ideias pré-concebidas
”A pessoa que não falava nada mas ela estava ouvindo, ela estava prestando atenção, na outra conversa, a pessoa já falava, já contava histórias, o grupo faz muita diferença na vida da gente”	O grupo como fator de qualidade de vida	Inserção na comunidade
“Uma coisa que é muito assim de grupo que funciona muito, é a pessoa quando ela é presa pelo familiar, ela vai para o grupo, ela se solta”	liberdade de expressão	O espaço para ser
”No grupo também a gente aprende a ser liberal também, você aprende a se impor um pouco, você aprende a ser gente”	Reconhecimento e identificação	Visibilidade e voz
”Numa roda de conversa você acaba conhecendo a outra pessoa, outro jeito de dizer, de ver as coisas porque as vezes eu vejo a coisa de um jeito, a mesma coisa né?”	Ponto de vista	A roda de diálogo como propulsora do reconhecimento dos pontos de vista

O quarto encontro assim como nos anteriores, teve seu início com a recuperação de alguns momentos do encontro anterior com propósito de situar eventuais ausentes e ancorar os participantes na roda de diálogo, ou seja, no momento presente. A pergunta disparadora teve o objetivo de movimentar um pouco mais a roda para o entendimento do diálogo após todos os comentários e informações passadas sobre David Bohm e sua perspectiva de diálogo pautada na atenção aos pensamentos - **Vamos dialogar sobre o significado do diálogo?**

Quadro 5. DSC do quarto encontro

EXPRESSÕES-CHAVE	IDEIAS CENTRAIS	ANCORAGEM
“Pode ser no sentimento, você sentir diferente das outras pessoas mas eu acho a mesma coisa, é que cada um	Pontos de vista	Conversa x diálogo

<p>pensa de um jeito, cada um vê as coisas de um jeito.”</p>		
<p>“O diálogo é quando eu estou aberto a ouvir e espero também que as pessoas queiram ouvir também o que eu tenho a falar, o diálogo serve assim, uma forma de aproximação , de resolver problemas sem ter muitas brigas”</p>	<p>Escuta</p>	<p>Forma de aproximação</p>
<p>“Pra mim o diálogo é mais que a comunicação, (...)é uma forma de orientação, uma forma de conforto até pra quando nós dividimos os sentimentos porque ele ajuda a exprimir dentro de nós aquilo que a gente às vezes não consegue colocar pra fora(...) um bom diálogo a gente consegue exprimir bem o que sentimos</p>	<p>Orientação</p>	<p>Diálogo é compartilhamento e conforto</p>
<p>“Eu já tenho outro entendimento, assim diálogo e comunicação, eu acho que diálogo é a troca, você falar e você ouvir e tendo a questão do respeito, saber ouvir é muito importante, de estar limpo de sentimentos negativos, ser aberto para o que o outro tenha a dizer e já a comunicação, às vezes você não precisa ter o diálogo, você utiliza a comunicação para expressar a sua ideia, expressar uma mensagem que aí pode ser essa coisa do olho, a minha expressão corporal”</p>	<p>Saber ouvir</p>	<p>Diálogo x comunicação</p>
<p>“O diálogo é quando duas pessoas, não necessariamente numa mesma sintonia mas elas (...) está aberto a escutar tanto pro bem quanto pro mal porque só você escutar tudo bem é muito fácil mas você também escutar as coisas que você</p>		

não quer ouvir mas também de uma certa forma absorver aquilo também como método de aprendizado, de entender mais o que acontece consigo mesma e até de pensar do por que você teve essas atitudes”	Aprendizado	Escutar provoca conforto ou desconforto
“O diálogo pra mim também às vezes é o próprio silêncio, porque você falou uma coisa na semana passada Margarida* de uma pessoa que foi desabafar com você que perdeu uma pessoa importante”	Silêncio	Nada é vazio. Tudo é significado.
“Às vezes você fala muito e não fala nada” “Eu acho que o diálogo é uma grande interpretação de várias partes diferentes”	Diálogo verdadeiro	Comunicar para interpretar as coisas do mundo.
“Eu acho que o diálogo tem tantas facetas, tantas formas, você falou, tudo depende do jeito que você fala, uma frase, eu vou sair, ou eu vou sair! é muito... né ?”	Entonação, Atitude	Sinais paralinguísticos
“Eu não sei eu acho que é a cabeça da gente vai para um lugar que você não está ali, você tá não sabe aonde e quando você volta, já foi”...	Ausência de diálogo	Autoatenção do pensamento

*Pseudônimo usado para manter a neutralidade do participante

O quinto e último encontro foi pautado no encerramento das rodas de diálogo e portanto, momento também direcionado para acolher os participantes em um contexto de desligamento daquele grupo composto para a pesquisa, embora algumas das pessoas idosas participantes seguiriam no grupo Encontros do Saber. Foi possível perceber que vários temas que circularam nas rodas anteriores retornaram - **O que o diálogo representou para vocês nesses nossos encontros, como é que vocês chegaram e como vocês saem?**

Quadro 6. DSC do quinto encontro

EXPRESSÕES-CHAVE	IDEIAS CENTRAIS	ANCORAGEM
“Também a gente está numa roda em que a gente ouve os outros e muda de pensamento também, eu penso assim, mas		

<p>talvez todo mundo falando eu posso mudar de pensamento, posso estar pensando diferente, aquilo que eu achava que era uma verdade pode não ser, muito difícil impor a sua verdade ela pode estar certa, não tem certo e nem errado como você diz né, é o pensamento dela e é o meu pensamento mas eu posso mudar também né? E aceitar melhor as coisas”</p>	<p>Pensamentos diferentes</p>	<p>Compreender a pluralidade e promover mudança interna e externa.</p>
<p>“Que nem, hoje eu sei um pouquinho mais sobre a história do outro, é uma coisa que é gostoso, você está, se sente como tivesse dividindo também , as preocupações, hoje eu carrego um pouquinho de vocês e sei que vocês carregam um pouquinho de mim”</p>	<p>Saberes</p>	<p>Reconhecer-se em várias histórias</p>
<p>“Sinto muita falta de ter essa ligação com as pessoas, eu fico muito sozinha, moro sozinha apesar de eles morarem nos fundos mas eles ficam lá na casa deles, de vez em quando eu bato na janela: -“tudo bem aí?”, é diferente você chegar e sentar, chega um e conversa, chega outro e conversa , é muito gostoso”</p>	<p>Conversa</p>	<p>O relacionar-se com o mundo</p>
<p>“Tudo é uma questão de ponto de vista. Interessante quando ela falou o que você vê dali eu não vejo daqui, é bem interessante e eu aprendi isso nos encontros que realmente temos pontos de vista diferente, como no início da pandemia das pessoas ficarem sozinhas teve algumas pessoas que falaram, nem percebi, fugiram? isso eu nunca vou esquecer”</p>	<p>Pontos de vista</p>	<p>É o observador que muda o evento</p>
<p>“A pandemia mostrou para gente a importância que tinha</p>		

<p>mesmo pra gente dialogar, (...)a gente não planejou ficar isolado e tudo e a gente percebeu que enquanto a gente tinha oportunidade talvez a gente nem fazia isso de dialogar antes também né? E aí com essa pandemia a gente percebeu que a gente precisa disso, a importância que tem na vida da gente, a gente tá conversando”</p>	<p>Percepção das necessidades</p>	<p>Percepção do diálogo</p>
<p>“Eu acho que a pandemia fez muita coisa comigo, sei lá, eu comecei a entender e aceitar as coisas porque eu aceito, as vezes brigo um pouquinho com as coisas mas eu aceito, tem que fazer, não fico brigando.”</p>	<p>Percepção da resiliência</p>	<p>Olhar sobre a vida</p>
<p>“Em relação a esses encontros, eu só lamento não ter participado dos primeiros porque a gente tem oportunidade de ouvir, acho que a gente pode olhar no olho, parar esse instante para ouvir o outro eu acho tão gostoso quando a gente ouve o outro e a gente as vez traz solução pra um problema que a gente nem compartilha com ninguém, não vai compartilhar mas só de ouvir a opinião aquilo já te ajuda né?”</p>	<p>Ouvir o outro</p>	<p>Dar-se o prazer de “parar” e observar</p>

7 DISCUSSÃO

O Discurso do Sujeito Coletivo é composto a partir das ideias centrais subtraídas de modo sintético dos trechos literais extraídos das falas dos participantes. Trata-se de uma descrição do sentido a que remetem as falas naquele momento e que dará origem ao discurso na primeira pessoa do singular. Para essa metodologia surgida a partir da Teoria das Representações Sociais (LEFÈVRE *et al*, 2002) a ancoragem segundo o autor, se refere ao discurso único embasado em conhecimento.

Desse modo, foi elaborado um discurso síntese para cada encontro realizado e de acordo com os quadros apresentados acima.

No primeiro encontro, cuja temática foi o diálogo durante a pandemia, o DSC teve a ideia central pautada no uso das tecnologias e na ausência de interações mais próximas, “face a face”:

DSC. Primeiro encontro - “A tecnologia ajudou muito a passar por esse período de pandemia, muitas interações o que, por outro lado, gerou tensão. Fez falta o olho no olho, conversar com amor, com respeito, a gente precisa se perceber mais. ”

De acordo com Castro *et al.* (2020), os recursos tecnológicos mais utilizados pelas pessoas idosas durante a pandemia foram as denominadas TICs – tecnologias de informação e comunicação- sobretudo para manter-se em contato com familiares e participar de algumas atividades remotamente. Ademais, o distanciamento social imposto pela pandemia e a população idosa sendo considerada o grupo mais suscetível a complicações, esse tipo de interação proporcionou a familiares, profissionais de serviços e rede de contatos saberem as condições de saúde e bem-estar dessas pessoas.

Pelo fato das participantes da pesquisa serem senhoras frequentantes de grupo já estabelecido há bastante tempo, manter-se conectadas por tecnologia a essa rede mostrou ser um fator relevante presente nas falas individuais. Algumas das participantes têm parentes que moram próximos ou até “no mesmo quintal”, mas que, por motivos de segurança, mantiveram a distância necessária se utilizando desse recurso para prover alimentação, medicamentos e outras prioridades.

Corroborando os discursos que emergiram no primeiro encontro, Hammerschmidt e Santana (2020), chamam a atenção para a importância de relacionamento familiar e social “permeado por respeito, verdade, informação, pactuação conjunta de atividades diárias e apoio”, quesitos que nas falas surgem em palavras como “respeito” e “calor humano”.

O segundo encontro trouxe à luz a temática do diálogo e do cuidado, originando o DSC a seguir: **DSC. Segundo encontro** - “O diálogo é um tipo de cuidado quando você tem uma palavra de conforto. É o cuidado mais importante pois mostra que você está ali para escutar. Dar voz para quem está precisando de um cuidado é acolher as dores e às vezes, o cuidado vem num silêncio, num abraço, num olhar”.

Num segundo momento, o fator cuidado segue enveredando por questões mais voltadas à confiança para expressar-se no grupo: “Quando o grupo traz confiança, dá para a gente falar o que pensa, se expressar, porque sabe que o outro está lá para ouvir, para te acolher, você põe para fora aquele pensamento que está lá crescendo e que não tem confiança de falar em casa”.

Para Arias-Lopez (2017), o cuidado, em entendimento mais amplo abarca “o outro”, seja na relação existencial entre os seres, seja em relação ao mundo. Desse modo, esse cuidar tem significado quando há uma inter-relação dinâmica que se apoia em princípios como solidariedade, respeito e dignidade. O ICOPE da OMS (2019), versa sobre a importância do apoio e suporte à pessoa idosa, sobretudo aquelas que já apresentem limitações.

Diz o documento ICOPE (2019, p.79) que “o apoio centrado na pessoa idosa é fundamental para garantir uma vida digna e significativa, de modo a permitir a participação social e reduzir o isolamento”. Além disso o documento orienta sobre o incentivo à participação em espaços de socialização tais como: clubes para lazer ou prática de esportes, grupos de convivência, centros-dia e serviços voltados à educação.

Durante os encontros as senhoras idosas referiram frequentemente o apoio prestado por familiares e colegas dos grupos onde estão inseridas, bem como ligações recebidas por parte de profissionais do IPGG, sempre com objetivo de ofertar cuidados em vários níveis de apoio, durante o período de pandemia e após, exaltando a importância dos grupos que frequentam para manterem-se ativas e se autocuidarem.

Já o terceiro encontro trouxe a pergunta disparadora relativa ao envelhecimento e o diálogo, onde emergiram questões como o envelhecer biológico e psicológico, questões relacionadas à resiliência e novamente surge a força dos grupos como espaços para a liberdade de expressão, crescimento pessoal e o envelhecimento ativo: **DSC. Terceiro encontro** - “Envelhece tudo, mas não tem como parar isso, melhor enfrentar, conhecendo seus limites e se cuidando para não ter consequências. Envelhecer sim, aprendendo, participando dos grupos onde se pode falar o que quiser, se soltar, e o grupo faz toda a diferença”.

Partindo da definição de envelhecimento ativo, o DSC acima corrobora com as questões fundamentais que a definição apresenta:

O Envelhecimento Ativo é o processo de otimização de oportunidades para a saúde, a aprendizagem ao longo da vida, a participação e a segurança para melhorar a qualidade de vida à medida que as pessoas envelhecem (ILC Brasil, 2015 p. 44).

Essa definição traz, portanto, uma visão integrada dos capitais fundamentais para o envelhecimento bem-sucedido, pautado na manutenção da autonomia e independência da pessoa idosa de tal sorte que permita que a mesma goze de oportunidades de novos aprendizados, bem como das relações sociais construídas ao longo do curso de vida, o que corrobora as falas surgidas durante o encontro.

Desse modo, a política do Envelhecimento Ativo ganha um “reforço” quando a Organização Mundial de Saúde decreta a Década do Envelhecimento Saudável 2021-2030

(OPAS, 2020), reafirmando diretrizes essenciais para assegurar à pessoa idosa acesso a recursos e serviços que proporcionem o desenvolvimento do envelhecimento saudável, quais sejam:

- Mudar a forma como pensamos, sentimos e agimos com relação à idade e ao envelhecimento;
- Garantir que comunidades promovam as capacidades das pessoas idosas;
- Entregar serviços de cuidados integrados e de atenção primária à saúde centrados na pessoa e adequados à pessoa idosa;
- Propiciar o acesso a cuidados de longo prazo às pessoas idosas que necessitem.

Dando seguimento à pesquisa, o quarto encontro teve foco no significado do diálogo, a fim de observar se até o momento, os participantes estariam de fato engajados com a proposta do diálogo em si. Em razão de Bohm ser pouco conhecido no que se refere ao campo do diálogo, e seus pressupostos não serem frequentemente utilizados, foram coletados os discursos que remetem e corroboram as questões desse autor de modo subjetivo: **DSC. Quarto encontro** - “ O diálogo acontece quando você presta atenção e mantém sua cabeça ali no momento da troca, tomando cuidado com a maneira como fala as coisas, quando quer ser ouvido, mas também tem que estar aberto para ouvir os pontos de vista diferentes, mesmo que seja alguma coisa que você não quer ouvir, porque o diálogo tem muitas facetas é preciso perceber isso”.

Bohm no livro *O Pensamento como um sistema* (BOHM, 2007, p.85), menciona os pensamentos e como estes estão conectados não somente às palavras, mas aos modos subjetivos. Ele menciona que:

Há um pensamento implícito, que “segue sem dizer”. Diz implicitamente que “sempre que algo como isso acontece, eu tenho de reagir dessa maneira”. Esse é o pensamento. Simplesmente reage. E lembre-se de que o pensamento se espalha por todos os outros reflexos, portanto, o pensamento ainda permanece em uma outra forma (BOHM, 2007, p.85),

Bohm traz a questão das palavras como uma das formas de expressar o pensamento e que ocorrem implicitamente, ou seja, sem que se tenha a consciência dele, de modo que o pensamento se apresenta como um reflexo e por esse motivo, se espalha por toda a memória, todo o corpo. Ele atribui tais questões à cultura que dá ao pensamento um *status* de algo intelectual, tal como algo distinto, desmembrado do corpo, o que nos leva a não tomar a consciência dele, o que o autor chama da ausência da autoatenção do pensamento.

Essa questão surge claramente na fala de um dos participantes da roda de diálogo: “é a cabeça da gente vai para um lugar que você não está ali, você tá não sabe aonde e quando você

volta, já foi”, e que valida a dificuldade em manter a atenção aos pensamentos, pois que estes são automáticos e não nos permitem colocar a intenção verdadeira no momento do diálogo.

Por sua vez, BOHM (2005, p. 73) menciona a “visão do diálogo” e a importância de conhecer esse significado mais profundo, para explicar que há num grupo (comunidade, sociedade, ambiente corporativo e outros) um nível de contato capaz de conectar as pessoas envolvidas de tal sorte que estas compartilham não somente palavras, mas também, “seus corações, adrenalina, neuroquímica, tudo enfim”.

Tal afirmação se completa ainda quando o autor traz a ideia de que, ouvindo outras opiniões com atenção e sem julgamento – a que Bohm sugere seja a suspensão dos pressupostos- haverá uma mente coletiva produzida pelo conteúdo comum a todos, que não anulam as individualidades, mas produz a sua soma, tal qual propõe a metodologia do Discurso do sujeito coletivo de Lefèvre (2002).

Ainda nessa linha de pensamento, Bohm menciona que para manter o diálogo como forma mais profunda de manter as relações, é preciso ter em mente que não haverá somente momentos de identificação, de acordos. Ao contrário, é necessário acolher a frustração que se apresentará em muitos momentos, e incluí-la e partilhar a frustração, assim como raiva ou outros sentimentos que surjam daí, pois se há uma conexão coletiva, compartilhá-los suspendendo julgamentos construirá uma consciência comum desse fato e levará o fenômeno ao colapso.

Desse modo, a intenção do aprofundamento no significado do diálogo entre os participantes de pesquisa foi compreender como este se apresenta no andar da vida, nas relações cotidianas, entre gerações, e o DSC oportunizou identificar nos discursos individuais esses significados de modo claro. Schirch e Campt (2018, p. 7) trazem uma definição de diálogo:

O diálogo é um processo para conversar sobre assuntos tensos. É útil na família, em pequenos grupos, nos negócios, nas comunidades, nas organizações e nos conflitos nacionais e internacionais (p.7).

Assim como Bohm, estes autores também tratam da intenção contida num processo de diálogo e a necessidade do “estar aberto a aprender” com o processo ao acolher sem julgar opiniões e pontos de vista diferentes que se apresentem, pois que se não há essa flexibilidade para o aprendizado, o reconhecimento de outras verdades que não a de si próprio, então é preciso verificar a intenção contida na participação de um processo de diálogo.

Contiguamente às visões dos autores mencionados, os participantes desse encontro validaram a importância do diálogo como oportunidade de agrupar pessoas e refletir sobre o coletivo e essa consciência comum, processo fundamental na construção de um senso de

comunidade, de ampliar a visão acerca de determinado fenômeno, determinado grupo, considerar sua voz e visibilidade, tal qual pede a longevidade cada vez mais presente no mundo: “(...) está aberto a escutar tanto pro bem quanto pro mal porque só você escutar tudo bem é muito fácil mas você também escutar as coisas que você não quer ouvir mas também de uma certa forma absorver aquilo também como método de aprendizado”.

“O diálogo serve assim, uma forma de aproximação, de resolver problemas sem ter muitas brigas”.

O quinto e último encontro teve por objetivo compreender melhor se ficaram diferenças entre o primeiro e o último encontro no que concerne à concepção do diálogo proposto por Bohm, bem como do entendimento da utilidade prática desse recurso no cotidiano. Assim, a pergunta disparadora foi relacionada ao “antes e depois” e produziu o seguinte DSC: **DSC. Quinto encontro** - “Foi importante perceber o diálogo na vida da gente, para não estar sozinha, para poder ouvir e ser ouvida pois, a opinião do outro pode ajudar numa situação que a gente tenha dificuldade de compartilhar, mesmo que tenha opinião diferente, poder ouvir e mudar. ”

Cabe aqui para efeitos de discussão e reflexão o paradigma *Life-span* de Baltes (NERI; FONTES, 2017, cap 141 p. 3288), ao se observar nas falas individuais dos participantes a questão da resiliência ainda que frente a adversidades, como foi a fase crítica da pandemia pelo Covid-19. Ainda que temerosos de perder entes queridos, de contrair a doença, de manter-se isolado do mundo, cada um dos 16 participantes trouxe falas positivas -embora relacionadas a momentos mais difíceis para uns que para outros- onde se buscou preencher a vida com algo relevante, significativo, ainda que em momento adverso.

Percebe-se nos discursos a presença da resiliência ainda que contendo doenças como hipertensão e diabetes (falas surgidas no terceiro encontro), do declínio referido (“já não é como antes”, “minha filha diz: mas mãe, é a idade”) e de perdas que acompanham o processo de envelhecimento na medida em que se avança a patamares etários mais elevados, o que denota o paradoxo do bem-estar subjetivo entre as pessoas idosas (NERI; FONTES, 2017).

Por fim, cabe ressaltar que as autoras mencionadas fazem referência às capacidades de autorregulação do self, funcionando como recurso de resiliência psicológica ao longo do processo de envelhecimento, um dos fundamentos da teoria *Life-span*, de tal sorte que envolve:

A resiliência psicológica envolve relações mutuamente benéficas (adaptativas) entre as características dos indivíduos (p. ex., sua inteligência, sua personalidade e os mecanismos de regulação do self, entre eles o enfrentamento e as crenças de autoeficácia) e aspectos de seu ambiente (p. ex., oportunidades educacionais, de lazer, de cuidados à saúde e outros recursos sociais que favorecem a promoção de envelhecimento saudável) (NERI; FONTES, 2017, p. 3290).

Desse modo pensar em estratégias de comunicação são sempre fundamentais para assegurar que a população idosa tenha visibilidade e voz em todos os setores da sociedade e em especial naqueles que envolvam decisões acerca de sua saúde e do andar da vida. De acordo com Delfino e Meira (2017 p.3319) estratégias de comunicação com pessoas idosas devem envolver “escuta atenta, contato visual e atitude de não julgamento”, a fim de permitir que a pessoa tenha entendimento claro do que lhe foi dito para que a mesma possa ter a oportunidade de perguntar e tirar dúvidas.

O não julgamento a que se referem as autoras diz respeito ao rompimento de estereótipos e de comportamentos baseados no idadismo, o preconceito relacionado à idade, que ocorre inclusive, entre profissionais de saúde. Romper com essas barreiras propicia uma comunicação mais objetiva e fluida, de modo que a pessoa idosa possa sentir-se acolhida e incluída ao invés de invisível, aos moldes do proposto por Bohm em relação a participantes de uma roda de diálogo.

Em face de todos os depoimentos coletados ao longo dos cinco encontros para as rodas de diálogo, foi possível perceber a unanimidade entre os participantes de idades variadas, o valor que a escuta atenta tem para o ser humano, haja vista ser considerada como forma de diálogo, como cuidado, como acolhida, como silêncio, quando num abraço ou olhar sem palavras, mas que dizem “eu estou aqui para te escutar”. As relações intergeracionais serão cada vez mais presentes com o advento da longevidade.

Garantir que a comunicação entre gerações seja apoiada nos valores mencionados acima, livres de julgamento, com escuta atenta, com atenção aos próprios pensamentos e a suspensão dos pressupostos é o caminho para acolher não somente as atuais gerações de pessoas idosas, mas também as próximas gerações, aprendendo, trocando, compreendendo os significados e intenções das palavras, dos abraços e dos silêncios.

Finalmente, cabe lembrar que na América Latina a expectativa de vida (que aumentou na região 26 anos entre 1900 e 2019) e o envelhecimento bem-sucedido estão associados a melhores condições socioeconômicas, portanto, relacionadas à renda e educação, conforme aponta documento recente do Banco interamericano de desenvolvimento (ARANCO et al,2022). Desse modo, é preciso promover cada vez mais espaços de aprendizado e convivência como oferta o serviço IPGG, que auxilia na prevenção e promoção da saúde e tira do isolamento e da invisibilidade as pessoas idosas.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Realizar esse trabalho à luz de David Bohm permitiu consolidar a relevância que o diálogo tem na vida, seja em grande escala social ou no âmbito familiar. David Bohm nomeia pequenos grupos de microcosmos, que ligados ao macrocosmo, são capazes de promover transformações dentro de seus pequenos núcleos, atingindo de modo abrangente toda uma cultura ou sociedade, fato possível porque os pensamentos funcionam como um sistema, portanto, totalmente interligados com todos e tudo o que nos rodeia.

Ao longo das análises dos discursos foi possível perceber no microcosmo do IPGG o quanto os participantes estavam ávidos por diálogos que transmitissem suas intenções, medos, dificuldades, reconhecimento e a disposição para seguir em frente após evento impactante como a pandemia pelo COVID-19. Um privilégio poder acompanhar esses discursos em um momento tão particular da história, deixando ao grupo o exercício de observar os próprios pensamentos e colocá-los em suspensão para abrir espaço à escuta do outro e sobre o outro conectando-se assim, a diálogos mais verdadeiros, no momento presente.

Desse modo, fica a proposta para que os serviços que atendem à pessoas idosas implementem rodas de diálogo conforme o método Diálogo de Bohm, ou seja, seguindo os passos que o autor menciona e que foram descritos nesse trabalho, para proporcionar aos grupos já constituídos ou a constituir nesses serviços, um espaço para ouvir e ser ouvido, corroborando os discursos individualizados apresentados nos resultados desse trabalho.

As limitações estiveram presentes: a dificuldade em ter nos bancos de dados material para compor uma revisão de literatura, mas, que por outro lado, permitiu construir um manuscrito de tema inovador; um grupo reduzido de participantes em razão do retorno presencial recente, ainda com preocupações, mas que ao mesmo tempo, trouxe discursos tão ricos, que validaram os métodos utilizados. Ainda há muito a trilhar e contribuir. O fato do desconhecimento sobre Bohm e o diálogo proposto por ele, não permitiu trabalhar seguindo rigorosamente os passos propostos, mas a subjetividade do DSC deu conta de fazer emergir as similaridades.

Por fim, deixa-se a sugestão para que outros pesquisadores do campo da gerontologia, cuja natureza é multidisciplinar, possam conduzir mais pesquisas que aprofundem o tema para balizar e fomentar programas e serviços que acolham o diálogo como exercício para compreender e desenvolver novas formas de pensar as relações humanas, reconhecer a diversidade e para perceber que o conflito pode tornar-se um grande momento de aprendizado e de escuta, se apoiado na empatia e no respeito pelo outro.

REFERENCIAS

- ARANCO, N. et al. **Envejecer en América Latina y el Caribe: protección social y calidad de vida de las personas mayores**. División de Salud y Protección Social, Banco Interamericano de Desarrollo (BID) Sector Social, BID División de Mercados Laborales y Seguridad Social, BID Biblioteca Felipe Herrera del Banco Interamericano de Desarrollo, 2022.
- ARANTES, P. C. C; DEUSDARÁ, B. Grupo focal e prática de pesquisa em Análise do Discurso: metodologia em perspectiva dialógica. **Revista de Estudos da Linguagem**, v.25, n. 2, p. 791-814, 2017.
- ARIAS-LÓPEZ, B. E. Entre-tejidos y Redes. Recursos estratégicos de cuidado de la vida y promoción de la salud mental en contextos de sufrimiento social. Prospectiva. **Revista de Trabajo Social e intervención social**, n. 23, p. 51-72, 2017.
- BOHM, D. *Diálogo: comunicação e redes de convivência*. São Paulo: Palas Athena, 2005
- BOHM, D. **O pensamento como um sistema**. Editado por David Bohm. Trad Teodoro Lorent, São Paulo: Madras, 2007.
- BRASIL. SENADO FEDERAL. **Estatuto do Idoso e normas correlatas**. Ministério da Saúde: Envelhecimento da Pessoa Idosa, São Paulo, p. 07, 2003.
- CAMARANO, A. A. **Cuidados para a população idosa e seus cuidadores: Demandas e alternativas**. Disoc. Diretoria de Estudos e Políticas Sociais, nota técnica nº64, 2020.
- CASTRO, C.S.C, et al. Distanciamento social durante a pandemia da COVID-19, uso de tecnologias e seus impactos para os idosos no Brasil. **Population Horizons – LARNA**, Special Issue, 2020.
- CENTRO INTERNACIONAL DE LONGEVIDADE BRASIL (ILC-BRASIL). **Envelhecimento ativo: Um Marco Político em Resposta à Revolução da Longevidade**. Centro Internacional de Longevidade Brasil. 1ª edição – Rio de Janeiro, RJ, Brasil. 119 Págs: II. ISBN 978-85-69483-01-4.
- CHENA, D. C. et al. Envelhecimento e interdisciplinaridade: análise da produção científica da revista Estudos Interdisciplinares Sobre o Envelhecimento. **Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento**, v. 20, n. 3, p. 883–901, 2015.
- DA SILVA SOUSA, N. F. et al. Active aging: prevalence and gender and age differences in a population-based study. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 34, n. 11, 2018.
- DE PAULA, G. N.; BARBALACCO, R. **Distanciamento físico, sim, social, não. Mais 60: Estudos sobre Envelhecimento**, v. 31, n. 77, p. 114–118, 2020.
- DELFINO, L. L; MEIRA, T.F.G. **Comunicação com idosos com déficits sensoriais e cognitivos -sugestões para leigos e profissionais**. In: Freitas, Elizabete Viana de Tratado de geriatria e gerontologia, 4 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2017.
- DUARTE, Y. A. O. et al. Frailty in older adults in the city of São Paulo: Prevalence and associated factors. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 21, n. suppl 2, 2018

DUARTE, Y. A. O.; DOMINGUES, M. A. R. **Família, Rede de Suporte Social e Idosos: Instrumentos de Avaliação**. São Paulo: Editora Edgard Blücher, 2020.

ETTMAN, C. K. et al. Prevalence of depression symptoms in US adults before and during the COVID-19 pandemic. **JAMA Network Open**, v. 3, n. 9, p. e2019686, 2020

FIOCRUZ, FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Saúde mental e atenção psicossocial na pandemia COVID-19: Processo de luto no contexto da COVID-19. Rio de Janeiro; 2020. 10p.

FREIRE, P. R. Pedagogia do oprimido. 17ª edição. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

FREITAS, E. V.; COSTA, E. F. A.; GALERA, S. C. Avaliação geriátrica ampla. In: DE FREITAS, E. V.; PY, Ligia. Tratado de Geriatria e Gerontologia. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2017. p. 415-454.

GALEA, S. et al The mental health: Consequences of COVID-19 and physical distancing the need for prevention and early intervention. **JAMA International Medicine**, v. 180, n.6, p. 817-818, 2020

GIACOMIN, K. C. Instituições de Longa Permanência para Idosos e o enfrentamento da pandemia de COVID-19: Subsídios para a Comissão de Defesa dos Direitos do Idoso da Câmara Federal – **Relatório técnico**. Brasília; 2020. 99p

HAMMERSCHMIDT, K. S. A; SANTANA, R. F. Saúde do idoso em tempos de pandemia Covid-19. **Cogitare enferm**. [internet], 2020.

HORTON, R. Offline: COVID-19 is not a pandemic. **The Lancet**, v. 396, n. 10255, p. 874, 2020. DOI: 10.1016/S0140-6736(20)32000-6.

IBGE, INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Características gerais dos domicílios e dos moradores: 2016**. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua. Brasília.

IBGE, INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua: características gerais dos domicílios e dos moradores 2018**. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua. Brasília.

IBGE, INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Características gerais dos domicílios e dos moradores 2019**. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua. Brasília.

KLEIN, A. COVID-19: Los adultos mayores entre la “revolución” gerontológica y la “expiación” gerontológica. **Research on Ageing and Social Policy**, v. 8, n. 2, p. 120-141, 2020.

KRAMER, S. et al. Encontros e desencontros de crianças e adultos na Educação Infantil: uma análise a partir de Martin Buber. **Pro-Posições**, v. 27, n. 2, p. 135–154, 2016. DOI: 10.1590/1980-6248-2014-0113.

LEFÈVRE, A. M. C. et al. Assistência pública a saúde no Brasil: Estudo de seis ancoragens. **Saúde e sociedade**, v. 11, n.2, p. 35-47, 2002.

LEFÈVRE, F. et al. O discurso do sujeito coletivo como eu ampliado: aplicando a proposta em pesquisa sobre a pílula do dia seguinte. **Rev. Bras. Cresc. e Desenv. Hum**, v. 20, n. 3, p. 798-808, 2010.

MARIOTTI, H. **Diálogo: Um método de reflexão conjunta e observação compartilhada da experiência**, Nucleo de Estudos de Gestão da Complexidade da Business School São Paulo, 2001.

MARTINS, A. N. E. **Mediação Familiar para Idosos em Situação de Risco**. São Paulo: Editora Edgard Blücher, 2017. DOI: 10.5151/9788580392456

NERI, A. L; FONTES, A. P. **Resiliência Psicológica e Velhice bem-sucedida**. In: Freitas, Elizabete Viana de Tratado de geriatria e gerontologia, 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2017.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (OMS). **Integrated care for older people (ICOPE): Guidance for person-centred assessment and pathways in primary care**. Geneva: World Health Organization; 2019 (WHO/FWC/ALC/19.1). <file:///C:/Users/maril/OneDrive/%C3%81rea%20de%20Trabalho/WHO-ICOPE-2019.pdf>

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE (OPAS). **Década do envelhecimento saudável 2020-2030**. Organização Pan-Americana da Saúde, 2020. https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/52902/OPASWBRAFPL20120_por.pdf?sequence=1&isAllowed=y.

PAPALÉO NETTO, M. **Estudo da velhice: Histórico, definição do campo e termos básicos**. In: DE FREITAS, E. V; PY, Ligia. Tratado de Geriatria e Gerontologia. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2017. p. 103-125

PRANIS, K. **Processos circulares de construção de paz**. São Paulo: Palas Athena, 2010.

QUARESMA, M. L.; RIBEIRINHO, C. **Envelhecimento – Desafios do Séc. XXI**. Kairós Gerontologia, v. 19, n. 3, p. 29–49, 2016

RENT, M. A. M. **O diálogo em Martin Buber**. In: Araujo, et al. Diálogo e Transição Educadora Para Sociedade Sustentável. São Paulo: IEE-USP, p. 25-34, 2020.

RODRIGUES, R. A. P. **Boas práticas para as Instituições de Longa Permanência para Idosos no enfrentamento da pandemia de COVID-19: estratégias e protocolos**. Brasília; 2020. 69p

ROSENBERG, M. B. **Comunicação não-violenta. Técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais**. São Paulo: Ágora, 2006.

SALES, L. M. M. A Mediação de Conflitos – lidando positivamente com as emoções para gerir conflitos. **Pensar - Revista de Ciências Jurídicas**, v. 21, n. 3, p. 965–986, 2016.

SCHIRCH, L; CAMPT, D. **Diálogos para assuntos difíceis. Um guia prático de aplicação imediata**. São Paulo: Palas Athena, 2018.

STAUDINGER, U. M; MARSISKE, M; BALTES, P.B. Resilience and levels of reserve capacity in later adulthood: Perspectives from life-span theory. **Development and Psychopathology**, n 5, p. 541-566, 1993.

TAVOLARO P. Avaliação do conhecimento em práticas de higiene: uma abordagem qualitativa. **Interface - Comunic., Saúde, Educ**, v.10, n.19, p.243-54, 2006.

UNITED NATIONS. Department of Economic and Social Affairs. **Government policies to address population ageing**. Population Facts, n. 1, p. 1–4, 2020.

UNESCO, 2001 – 2010. **Decenio internacional de una cultura de paz y no violencia para los niños del mundo**. <http://unescopaz.uprrp.edu/documentos/culturapaz.pdf>

VOLLSET, S. E. et al. Fertility, mortality, migration, and population scenarios for 195 countries and territories from 2017 to 2100: a forecasting analysis for the Global Burden of Disease Study. **The Lancet**, v. 396, n. 10258, p. 1285–1306, 2020.

WATZLAWICK, P; BEAVIN, J. H; JACKSON, D. D. **Pragmática da comunicação humana**. Editora Cultrix, 18^o ed, 2005.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO

Objetivo: coletar dados dos integrantes da pesquisa para identificar qual o perfil do idoso estudado e quais as possíveis causas para dificuldades de diálogo e atritos decorrentes de dificuldades de comunicação.

A. PARA CONHECÊ-LO (A) MELHOR:

NOME _____ SEXO: M () F ()

N. ____/____/____

D.

IDADE:

() menor de 20 anos () 20-39 anos () 40-49 anos () 50 -59 anos

() 60-69 anos () 70- 89 anos () 90- 99 anos () centenário

ESTADO CIVIL:

() Solteiro(a) () casado(a) () Divorciado(a) () Viúvo(a) () União estável

FILHOS:

() Nenhum () 1 filho (a) () 2 filhos (as) () 3 filhos (as) ou mais

ESCOLARIDADE:

() Não estudou () Ensino Fundamental incompleto () Ensino Fundamental completo

() Ensino Médio incompleto () Ensino Médio completo () Ensino Superior completo

() Ensino Superior incompleto () Pós-graduação

QUAL O SEU OFÍCIO/PROFISSÃO? _____

SITUAÇÃO ATUAL DE TRABALHO:

() Trabalha () Aposentado(a) () Aposentado(a) ainda trabalhando

() Trabalhador informal () Desempregado

B. PARA CONHECER UM POUCO SOBRE SUA FAMÍLIA:

RENDA FAMILIAR:

(Salário-mínimo)

() Até 1.

() 1 a 2.

() 3 a 5.

() Acima de 5.

() Não possui renda.

() Recebe BPC.

() Não sabe.

O Sr(a) MORA:

- Sozinho. Com irmãos(as). Com filhos e netos(as). Outros parentes.
 Amigos.

Observações: _____.

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

I – INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA

O Sr(a) está sendo convidado(a) a participar como voluntário(a) da pesquisa: **“Rodas de Diálogo e suas contribuições à comunicação na longevidade”**.

O objetivo deste estudo é desenvolver **Rodas de Diálogo com até 15 participantes no Instituto Paulista de Geriatria e Gerontologia (IPGG)**, para conversas sobre relações familiares, convivência, cuidados e temas afins que possam surgir durante os encontros, a fim de trabalhar o Diálogo como método para potencializar a comunicação.

Serão realizados **06 (seis) encontros semanais presenciais, com duração máxima de 1h30 (uma hora e meia) cada um, sempre às quartas-feiras das 14h00 às 15h30. Para a coleta de dados da pesquisa, as Rodas de diálogo serão gravadas e depois transcritas. Os encontros serão gravados e filmados. Caso concorde em participar da pesquisa, serão assinados em duas vias o termo de consentimento livre e esclarecido e o uso de imagem durante os seis encontros e os dados da pesquisa para publicação em revista científica, serão garantidos com o sigilo absoluto sobre seus dados pessoais.**

Sua participação é voluntária e caso concorde em participar do estudo assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, detalhamos neste documento os seguintes pontos:

- 1- Sua recusa em participar da pesquisa não irá acarretar qualquer penalidade, custo ou perda de qualquer natureza;
- 2- A pesquisa apresenta risco mínimo para o participante, sendo somente conversas, sem qualquer uso de avaliações nem testes com medicamentos. Se o (a) senhor (a) não estiver à vontade, sentir-se cansado (a) ou aborrecido (a), poderá deixar o grupo, sem qualquer prejuízo ou penalidade e se o senhor (a) desejar, poderá ser acolhido pela pesquisadora de modo individual;
- 3- O participante da pesquisa poderá solicitar indenização, caso sinta que foi prejudicado de algum modo;
- 4- Caso existam gastos, estes serão absorvidos pelo orçamento da pesquisa;
- 5- A pesquisadora se compromete a preservar sua identidade e seguir os padrões profissionais de sigilo, assegurando e garantindo a confidencialidade dos seus dados

pessoais. Seu nome, ou qualquer material que indique a sua participação não será identificado nem liberado sem a sua permissão.

- 6- Como benefício, a pesquisa prevê a contribuição de uma escuta mais atenta e qualificada às questões do envelhecimento, tanto para os profissionais atuantes na área como para as relações familiares.

O TCLE em duas vias, será assinado e o Sr (a) receberá uma via. O estudo será submetido e somente terá aplicação após aprovação do Comitê de ética e Pesquisa (CEP) da universidade em que a pesquisa está alocada e do Comitê de Ética e Pesquisa do Instituto de Saúde do Estado de São Paulo, para que seja salvaguardado o participante da pesquisa.

DECLARAÇÃO DO PARTICIPANTE DA PESQUISA

Eu, _____, RG. _____

fui informado(a) dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que em qualquer momento poderei solicitar novas informações para motivar minha decisão, se assim o desejar.

A pesquisadora Marília Fiorezzi Taborda Vieira Sanches certificou-me de que todos os dados desta pesquisa serão confidenciais e somente os pesquisadores terão acesso. Também sei que em caso de dúvidas, poderei chamar a pesquisadora pelo telefone (11) 9 6859-3738.

O Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo, que tem a função de implementar as normas e diretrizes regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos aprovadas pelo Conselho, também poderá ser consultado para dúvidas/denúncias relacionadas à Ética da Pesquisa. O CEP localiza-se à Rua Arlindo Bértio, 1000 - Ermelino Matarazzo, São Paulo - SP, CEP- 03828-000. Responsável: Luís Fernando S. Moraes - Telefone: 3091-1046 - E-mail: cep-each@usp.br Atendimento: Segunda a Sexta-feira, das 10h às 12h e das 14h às 16h. Localização: Sala T14 II.

Assinei duas vias deste termo de consentimento livre e esclarecido, o qual também foi assinado pela pesquisadora que me fez o convite e me foi dada a oportunidade de ler e esclareceras minhas dúvidas. Uma via deste documento, devidamente assinada foi deixada

comigo. Declaro que concordo em participar desse estudo,

Nome: _____
Assinatura do Participante

Data ____/____/____

Pesquisador: _____
Assinatura do Pesquisador

Data ____/____/____

ANEXO A - APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA E PESQUISA

USP - ESCOLA DE ARTES,
CIÊNCIAS E HUMANIDADES
DA UNIVERSIDADE DE SÃO
PAULO - EACH/USP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Rodas de diálogo e suas contribuições à comunicação na longevidade

Pesquisador: MARILIA FIOREZZI TABORDA VIEIRA SANCHES

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 48683621.1.0000.5390

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE DE SAO PAULO

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.847.506

Apresentação do Projeto:

É um projeto de Mestrado. Trata-se de um estudo exploratório qualiquantitativo com duas dimensões: Uma atualização de literatura desenvolvida e estruturada à luz de

Antônio Carlos Gil, cuja definição de pesquisa exploratória parte de uma hipótese que possa ser testada em estudos posteriores e onde geralmente, há menor rigidez em seu planejamento GIL (2019). A pesquisa de campo, de caráter qualitativo que tem por objetivo desenvolver Rodas de Diálogo conforme o proposto por Bohm, entre idosos, familiares e profissionais que frequentam o Instituto Paulista de Geriatria e Gerontologia (IPGG), Centro de Referência do Idoso da zona leste de São Paulo, com análise dos dados coletados por meio Discurso do Sujeito Coletivo (Lefèvre e Lefèvre, 2014).

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

- Desenvolver Rodas de Diálogo com idosos, familiares e profissionais que frequentam um serviço especializado em Geriatria e Gerontologia;
- Realizar uma atualização de literatura relativa à envelhecimento e diálogo.

Objetivo Secundário:

- Descrever as interações que emergem durante os encontros;
- Analisar a dinâmica grupal para a escuta atenta e mais qualificada na longevidade.

Endereço: Av. Arlindo Bettio, nº 1000
Bairro: Ermelino Matarazzo CEP: 03.828-000
UF: SP Município: SAO PAULO
Telefone: (11)3091-1046 E-mail: cep-each@usp.br

USP - ESCOLA DE ARTES,
CIÊNCIAS E HUMANIDADES
DA UNIVERSIDADE DE SÃO
PAULO - EACH/USP



Continuação do Parecer: 4.547.506

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

A pesquisa apresenta risco mínimo para o participante, sendo somente conversas, sem qualquer uso de avaliações nem testes com medicamentos.

Benefícios:

Como benefício, a pesquisa prevê a contribuição de uma escuta mais atenta e qualificada às questões do envelhecimento, tanto para os profissionais atuantes na área como para as relações familiares.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa relevante para a área da Gerontologia. Trata-se da aplicação de Rodas de Diálogo conforme metodologia sugerida por David Bohm (2007) com grupos de até 15 participantes, composto por idosos, familiares, cuidadores e profissionais que frequentam o serviço do Estado de São Paulo, Instituto Paulista de Geriatria e Gerontologia (IPGG) localizado na zona leste da capital. Os idosos em especial, participam com regularidade da Oficina Encontros do Saber, que ocorrem às quartas-feiras às 14 horas, no equipamento acima mencionado. A mediadora da oficina também participará da pesquisa. Serão 06 encontros de 01h 30min (uma hora e trinta minutos) cada qual com um tema sugerido por meio de perguntas disparadoras feitas pela facilitadora (neste caso, a pesquisadora). A metodologia para o desenvolvimento de Rodas de Diálogo que BOHM (2005) sugere se apóiam em 10 passos que o autor descreve como essenciais à prática.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os termos foram apresentados, inclusive a autorização do local onde será feita a Roda de Conversa.

Recomendações:

Vide Campo Conclusões e ou pendências.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Sugere-se a aprovação do projeto em epígrafe.

Considerações Finais a critério do CEP:

Projeto aprovado, pois está de acordo com a Resolução CNS Nº 510/2016 relacionada à Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde.

Endereço: Av. Arlindo Bettio, nº 1000
Bairro: Ermelino Matarazzo CEP: 03.628-000
UF: SP Município: SÃO PAULO
Telefone: (11)3091-1045 E-mail: cep-each@usp.br

USP - ESCOLA DE ARTES,
CIÊNCIAS E HUMANIDADES
DA UNIVERSIDADE DE SÃO
PAULO - EACH/USP



Continuação do Parecer: 4.647.596

Resalta-se que cabe ao pesquisador responsável encaminhar os relatórios parciais e finais da pesquisa, por meio da Plataforma Brasil, via notificação do tipo "relatório" para que sejam devidamente apreciadas pelo CEP, conforme Norma Operacional: CNS Nº 001/13, Item XI.2.d.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PE_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_P ROJETO_1760056.pdf	30/06/2021 09:45:35	MARILIA FIOREZZI TABORDA VIEIRA SANCHEZ	Aceito
Folha de Rosto	folha_rosto_atualizada_assinada_direca o.pdf	30/06/2021 09:44:34	MARILIA FIOREZZI TABORDA VIEIRA SANCHEZ	Aceito
Outros	CARTA_PROTOCOLO_PESQUISA.pd f	24/06/2021 14:03:55	MARILIA FIOREZZI TABORDA VIEIRA SANCHEZ	Aceito
TGLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TGLE.pdf	24/06/2021 13:55:02	MARILIA FIOREZZI TABORDA VIEIRA SANCHEZ	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Rodas_de_Dialogo.pdf	24/06/2021 13:53:11	MARILIA FIOREZZI TABORDA VIEIRA SANCHEZ	Aceito
Declaração de concordância	Declaracao_concordancia.pdf	24/06/2021 13:51:22	MARILIA FIOREZZI TABORDA VIEIRA SANCHEZ	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Neocita Apreciação da CONEP:

Não

SAO PAULO, 14 de Julho de 2021

Assinado por:
Beatriz Aparecida Ozello Gutierrez
(Coordenadora)

Endereço: Av. Arlindo Bettio, nº 1000
Bairro: Ermelino Matarazzo CEP: 03.025-000
UF: SP Município: SAO PAULO
Telefone: (11)3091-1045 E-mail: cep-each@usp.br

ANEXO B – COMPROVANTE DE SUBMISSÃO DO ARTIGO

Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento Tarefas 0 Português (Brasil) Ver o Site ms

OJS
OPEN JOURNAL SYSTEMS

Submissões

Submissões

Fila 1 Arquivos Ajuda

Minhas Submissões Designadas

Buscar Nova Submissão

127788 **Fiorezzi Taborda Vieira Sanches et al.** Submissão
As Rodas de diálogo e suas contribuições à comunicação na longevidade: Revisão de literatura 1

Platform & workflow by
OJS / PKP